

Letras

Arte

Sciencia

# ERA NOVA

Noticias

Politica

Sport

PARAHYBA DO NORTE

ANNO I

NUM. II

1 DE SETEMBRO DE 1921



Mlle. Adila Cavalcante

A redacção não se responsabiliza por idéas e conceitos expendidos nos artigos de seus collaboradores.

ANUNCIOS previamente justos com o director-commercial da Revista



COLLABORADORES:

Dr. Carlos D. Fernandes

Dr. Américo Falcho

Dr. Flavio Marôja

Dr. Alvaro de Carvalho

Dr. Getálio Soares

Celso Maria

Dr. Manoel Tavares

Dr. José A. de Almeida

Dr. Alcides Bezerra

Cong. Dr. Pedro Anício

Prof. Corolano de Medeiros

Dr. Raul Machado

SUMMARIO

- I—A desnaturalização do nome—José Arrigo de Almeida
- II—Farpas & Fugas—Gregorio de Mattos
- III—Margarida (versos)—Silva Lobato
- IV—Quarenta e Nove—Luuro Montenegro
- V—A maracani—F. Guimarães Sobrinho
- VI—Saldade (versos)—Américo Falcho
- VII—Um caso sério (versos)—Ezequiel Sombra de Madruga—Dado de Magalhães
- VIII—Intimos (versos)—Clemente Ouedra
- IX—Santos (versos)—Gil
- X—De passagem...—Gil
- XI—Conferencia de Burg Barbosa—(conclusão)
- XII—As abelhas—Gustavberg Barreto
- XIII—Anúncio pedagógico—Abel da Silva
- XIV—Lamento de malito (versos)—J. U. S.
- XV—Letras de Arte
- XVI—Notas sociais
- XVII—Pedido mandado dos desportos

Professor Abel da Silva

Prof. Juvenal Coelho

Dr. João da Matta

Dr. Sá e Benevides

Dr. Adhemar Vidal

Padre Mathias Teires

Vicente Faissan

Rochê Barretto

Dr. Jonas Montenegro

Dr. Epitácio de Almeida

Dr. Diogenes Galvão

Dr. Leão Montenegro

Dr. Leonardo Smith

ASSIGNATURAS

Capital {	Anno - - - - -	14\$000	Interior {	Anno - - - - -	18\$000
	Semestre - - - - -	7\$000		Semestre - - - - -	10\$000
	Numero avulso - - - - -	\$000		Não ha venda avulsa	

Numero atrazado 1\$000 • PRAÇA VENANCIO NEIVA, 30. • Pagamento adiantado



Quereis juntar o conforto á elegancia?

Dar boa apparencia e commodidade á vossa casa?

COMPRAE MOVEIS NA

**CASA NAVARRO**

DEPOSITO DE AUTOMOVEIS

**OVERLAND**

OS MAIS AFAMADOS

RUA MACIEL PINHEIRO N.º 123

NAVARRO & C. — Parahyba

**GALERIA**

**BRASIL**

**POSTAES DE LUXO**

(Exclusividade da Galeria Brasil)

TIPO A	— 1 por	— 1\$000	— 5 por	— 4\$000
• B	— 1 •	— 1\$500	— 5 •	— 6\$000
• C	— 1 •	— 2\$000	— 5 •	— 8\$000
• D	— 1 •	— 2\$500	— 5 •	— 10\$000
• E	— 1 •	— 3\$000	— 5 •	— 15\$000
• F	— 1 •	— 5\$000	— 5 •	— 20\$000
• G	— 1 •	— 6\$000	— 5 •	— 24\$000

**CADERNETAS DE NOTAS**

(Especialidade da Galeria Brasil)

Numero	1	—	Uma	\$500	—	Dez	4\$000
•	2	—	•	\$800	—	•	6\$400
•	3	—	•	1\$000	—	•	8\$000
•	4	—	•	1\$000	—	•	8\$000
•	5	—	•	1\$200	—	•	9\$600
•	6	—	•	1\$200	—	•	9\$600
•	7	—	•	1\$500	—	•	12\$000
•	8	—	•	1\$500	—	•	12\$000

**BEZERRA & COMP.**

35 — RUA MACIEL PINHEIRO — 35

**IONA & C.**

**EXPORTADORES**

Compram peles e couros, de toda especie, sementes de algodão e mamona, pennas de ema, etc.

Mantem grande deposito de linha da casa marca "ESTRELLA"

Têm casas com o mesmo ramo de commercio EM MACEIO, PEDRA, CEARÁ E AGENCIAS EM BAHIA, RECIFE E NATAL.

Endereço Telegraphico: — **DELMIRO**

ESCRITORIO E ARMAZEM:

Praça São Pedro Gonçalves, ns. 75 e 97.

CAIXA POSTAL N. 7.

PARAHYBA DO NORTE

**Benjamin Fernandes & C.**

Armazem de Estivas, Louças, Vidros e Exportação de assucar.

Deposito permanente de Farinha de trigo, Arame farpado, Cimento, Pinho Paraná, Kerozene, Sabão, Sabonetes, Oleos lubrificantes,

Graxas para Automoveis, e etc. etc.

**CODIGO — RIBEIRO**

Caixa Postal — N. 3

ENDERECO TELEGRAPHICO — **FERNANDES**

Praça Alvaro Machado, 16  
PARAHYBA DO NORTE

**BAZAR PARAHYBANO**

**GUARABIRA**



**FILIAL EM PARAHYBA:**

222, Rua Maciel Pinheiro, 222.

Completo sortimento  
de **LOUÇAS E VIDROS**

PREÇO RESUMIDO

**Hermenegildo P. Cunha**

**CASA POPULAR**  
de **L. DONIZETTI & Comp.**

Completo sortimento em fazendas, miudezas, perfumarias, roupas, etc. - Especialidades em chapeões de palha, últimas novidades, gravatas, camisas, pliantasias, cretones, morins e outros artigos para homens, senhoras e crianças. - Preços reduzidos.

Matriz: Rua Beaurepaire Rohan, 267.  
Filiais: Rua da Republica ns. 554 e 456.

**PARAHYBA DO NORTE**

**OURIVESARIA PINHEIRO**

DE  
**JOSÉ PINHEIRO**  
OURAGEM E PRATEAÇÃO

Nesta casa fabricam-se joias de ouro e prata, faz-se qualquer gravura em alto e baixo relevo, conserta-se relógios e joias de toda espécie.

Vende-se material para ourives e ourives, como também ouças e pincéis em qualquer grau ou tamanho etc.

RUA DA REPUBLICA N. 792

TRABALHOS

ARTISTICOS

**Belizio Ferrer**

OURIVES

Rua Barão da Passagem, 371.

EXECUÇÃO

PERFEITA

**TINTURARIA**

e **LAVANDERIA LUSITANA** de **HENRIQUE WYLLER**

Executa com perfeição qualquer lavagem de casemiras, flannels e sedas, usando processos em seco para os tecidos finos e delicados, fazendo também tingimento de roupas de casemiras em todas as cores. Tem em grande atenção os processos químicos que usa para a maior conservação dos tecidos.

LAVAGEM DIARIAMENTE

Rua Maciel Pinheiro N. 292  
e DUQUE DE CAXIAS N.º 511.

**BRITO LYRA & C.**

**FAZENDAS**

VENDAS EM GR.GSSO

Rua Maciel Pinheiro

Parahyba do N. rte

**Reinaldo de Oliveira & C.**

Grande estabelecimento de miudezas e fazendas em grosso

RUA MACIEL PINHEIRO N. 172.

# ERA NOVA

REVISTA QUINZENAL ILUSTRADA

SOCIEDADE ANONYMA

OFFICINA GRAPHICA DA "IMPRESSA OFFICIAL"

ANNO I

Parahyba, 1 de setembro de 1921.

NUM. II

## A desmoralização do nome

Liberto Almeida, em recente escripto, traduzido por uma folha local, mostra-se attonto com o que chama "a desmoralização do adjectivo".

Essa despezção dos predicativos do discurso, aligura-se-lhe um pbrimento de estímulos mais desmoralizos do que a crase canibal. Por que se lhe dá a devalorização de seus próprios meada, contando que os excessivos do submissivo não percam a sua inermisza importância.

Desmoralize esse curioso espirito, grato às bellas reminiscencias academicas, que em pleno regime democratico, os noivos actos se generalizam, quanto mais as nossas palavras.

Qualificativos que eram attributo dos senhores do imperio e de outros pontos magnificos não desmerecem, hoje em dia, em sua applicação a todas as camadas sociais. A republica não admite privilegios.

Demais, esses adjectivos, cujo desperdicio banal e jornalístico tanto irrita o autor da *Chuva de Salomão*, são sempre explicativos. Empezem, em todos os casos, uma qualidade inerente ao nome, incluída em sua libé. Tanto *de fazer* ou *escrever venerabilis ancillo, gentil senhorina, talentoso jornalista, prestigioso politico, maravilhoso poeta, como pedra dura, aguado, homem mortal*.

E' razoavel: ninguem comprehende o indiano sem essa qualidade.

Na realidade, é esse aggregado que representa o objecto.

É verdade que eu tambem luplico, ás vezes, com o abuso dos adjectivos, mormente quando elles trocam a categoria grammatical de bordão. Por exemplo: o *adoravel* dos mandares de Eça; o *teigraphico* e *indefectivel querido*, do sr. J. J. Seabra.

O que me impressiona, porém, é a desmoralização do substantivo proprio, por isso mesmo que elle se vai tornando, cada vez mais, proprio.

O nome real ou natural de qualquer coisa queriam, é o simbolo de sua personalidade.

As proprias leituras, no 2.º, 3.º, 4.º e 2.º, aduzem por bem delictos, varias significaciones, bem como grata repouso.

Derivado a seu caracter, muitas vezes em empresas que de costume a influencia das relações humanas para um é um termo pessoal, para outros constitui um objecto de propriedade.

A nossa legislação occupa-se, em muitos pontos, do nome individual, embora com a sua effluvia tecnica conventional. O proprio *Codigo Civil* ora se refere aos appellidos, ora ao nome de familia, como *diversos* que tem a effluvia a sua es essencia, ou como pena de não ser *admissivel*, em caso de *diversos*, com esse rigor que encontra analogia no *Codigo Penal*. O mesmo *Codigo* ainda trata a não de nome *supposto*, tratado no *artigo*.

Já não alludo ao nome commercial que tem sido objecto de graves estudos.

Existe ainda que, como principio, o substantivo proprio vale mais do que o adjectivo que é *accessorio*.

O *Bellefleur* *Stibes* *Dario*, apesar de poeta, explica como o seu cognome, em sentido patronymico, através das *per. Nos. Logo é adjectivo valor legal*.

Out'ora, antes de se fazer a *admissivel* a sua baptisimal, consultava-se o calendario e adoptava-se, religiosamente, o nome do santo do dia do seu nascimento. Mas, com as *contaminaciones* do citylo, que para muita gente é uma architectura de palavras bellas, veio a *mancha* dos nomes raros, *José Maria* e toda a *onomastica* do reino do céu foram relegadas para a prole plebéa.

Ter um filho que *trabalha* por uma *desmoralização* singular é o *ideal* do *paer* familiar.

E quando alguém se atreve a *imitar* o, o *plagio* é motivo de protestos, como se se tratasse de uma *marca* de *fabrica*.

O romance foi uma fonte preciosa — das preciosidades. A mulher que se sente occupada, como há de ser o povo, antes de *comparar* o *enxoval* do proximo futuro *ditto*, *entra* a *adquirir* *novellas*, à *caza* de um *personagem* que *responde* no *curdo* por um *vocabulo* *inadito*.

Desse *circumstancia* derivam tambem as *forças* *imaginativas* das *novas* *gerações*, por uma *influencia*, *inherente* ao *nascimento*, bem *definida* pelos *elementos*.

Quando se esgotou o *repositorio* dos *livros* de *ficção*, passaram os *pues* a *realizar* *ingenhosas* *combinações* para o *registro* dos *seus* *fructos*. Na *consciencia* de que *tudo* *partilhavam* com o *reberto* dos *amores* *conjugales*, entendem que *devem* *partilhar* tambem os *proprios* *nomes* *de*, por *outra*, os *nomes* *proprios*, *donde* *destacaram* *syllabas* para a *formação* de um *composto* *de* *dois*, no *hom* *senido* da *palavra*.

A *operação* é *simplex*. De *Ortulo* e *Camilla* *formam* *Ortulo*; de *Ortulo* e *Camilla* *formam* *Ortulo*; de *Ortulo* e *Camilla* *formam* *Ortulo*. Dá-se até o *caso* de se *extrahirem* *elementos* *de* *mais* *de* *dois* *nomes* para a *formação* de um *nome* *comum*.

Regista, naturalmente, o *ultimo* *censo* essa *extravaganza* *nomenclatura* que *constitue* um *interessante* *documento* de *novas* *faculdades* *inventivas*, posto *revela* tambem a *desmoralização* *de* *se* *attributo* que *nos* *distingue* na *vida* *social*.

Essa *decadencia* já *chegou* ao *extremo* de se *registarem* as *crianças*, a *título* de *propaganda*, com os *rotulos* de *certos* *medicamentos* *mas* *em* *nomes* *suspeitos*.

Tenho à *mão* uma *relação* de *nomes*, *sobrenomes* e *cognomes* *curiosos*, *publicada*, ha *coisa* *de* *dez* *annos*, pelo *Correio* *da* *Manhã*, do *Rio*, na *qual* se *enquadram* *dois* *parahybano*s: *Zabulon* *Joven* *Heroe* *da* *Trindade* e *Elias* *Eliaçô* *Flyseu* *da* *Costa* *Ramos*.

E' uma *celebridade* que, ás *vezes*, *degenera* em *ridiculo*. Lembra-me *bem* que, no *momento*

da chamada, nas aulas da Faculdade de Direito, o nome de certos estudantes provocavam geral hilaridade, por exemplo o de Epürem Esdras Eustachio Embirassü.

Henrique Heine narra, nas suas *Confissões e Memórias*, os dissabores que lhe causou um nome exótico. Dera-lhe seu pai, o nome de *Harry*, a fórma familiar de Henrique na Inglaterra, em vez do *Heinrich* alemão, em homenagem a um seu amigo, commerciante em Londres. Esse exemplo, aliás, tem sido imitado no Brasil, independente de relações com estrangeiros: topamos, de onde em onde,

ha entre a zebra e a burra de Balsam? E respondiam: «Uma fala hebreu e a outra zebra.»

Formulava-se logo outra pergunta: «Que differença ha entre o burro de Miguel e seu homonymo? Ao que respondiam todos: «Se ha alguma differença, não sabemos.»

Ai Franz, meigo como uma menina, a quem elle queria tanto bem, estreitou-a em seus braços e . . . berrou-lhe dentro do ouvido: «Haaruh!»

Sabe se que o famoso maeströ Cherubini não se conformava com o facto de Napoleão pro-

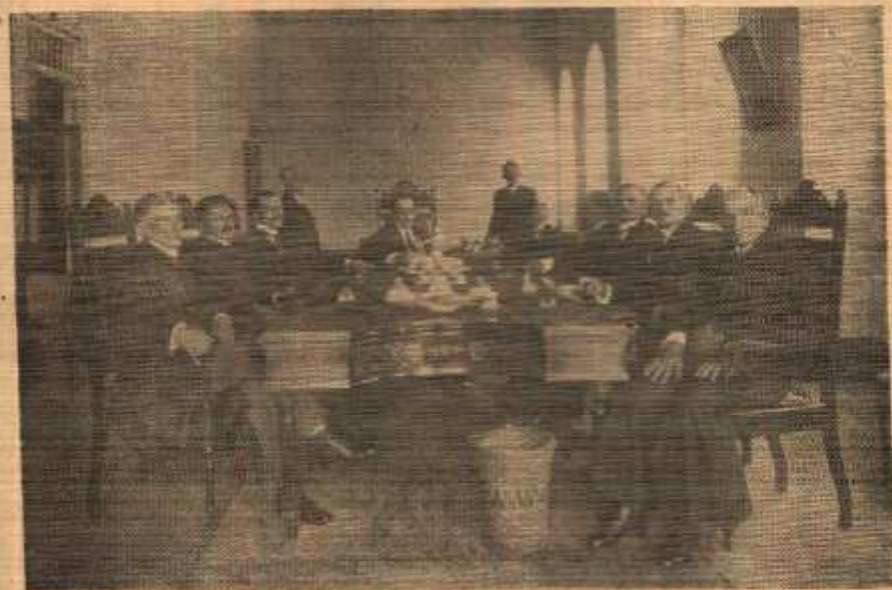
tao perniciosas as suas consequências, que ficou sendo chamado o *delirio do erro*.

Vemos, frequentemente, nos jornaes um *filiano* declarando que, por d'avante, passará a *set eterno*.

Quem não tiver nomes de guerra, como Lopes Trovão ou Pardal Mallet, deve conformar-se com os appellidos burguezes, senão se arvora em litterato e adopcione um pseudonymo, como Gabriel D'Annunzio que deixou, para todos os effeitos, de ser Caetano Rapagneta. Só aos intellectuaes é permitida essa duplicidade, por signal que, no seu exercicio, até as mulheres têm direito de mudar de sexo, como George Sand, George Eliot, etc. e *vice-versa*.

Não se deplora a desmoralização do adjectivo, mas a do nome proprio, que já não tem propriedade nem fixidez . . .

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA



Superior Tribunal de Justiça, reunido em sessão ordinaria

com um *René* e outros mais arvezados que, nem por isso, deixam, ás vezes, de ser nacionalistas. Eis porque o intellectual Carlos Mau não quer ser *Mól*, senão *M-a-ri-l*.

Sem embargo, o seu parente da Parahyba, além de *Mól*, é Charles.

Diz o poeta: «Este nome encheu de amargura e empegonhou os annos mais formosos de minha vida».

Havia em sua cidade natal um homem chamado Miguel o trapeiro. Esse sujeito, com um carrinho tirado por um jumento, removia o lixo dos domicilios.

O asno parava ou trotava, conforme a modulação da voz do seu guia: «Haaruh!» Não sabe o autor do *Intermezo* se era esse o nome do animal ou apenas um grito habitual. O facto é que a semelhança dessa palavra com o Harry lhe custou «infinitos soffrimentos». Ao chamarem-no, os seus collegas imitavam o grito do trapeiro. Os garotos do bairro escarneciam delle, da mesma fórma. Era a saudação que elle recebia por toda parte: «Haaruh!»

Os escolares preparavam-lhe as mais malignas allusões. Um perguntava: «Que differença

nunciar seu nome Cherubini, em vez de Querubini, apesar de conhecer sufficientemente o italiano para saber em que casos o *ch* sã q nessa lingua. Dizia aos seus intimos o genial compositor que era esse o maior desgosto de sua vida.

Deve de ser dolorosa a revolta dos grandes homens, cujos nomes a irreverencia popular se compraz em corromper, como *Zé do Pato* e outros tantos.

Emfim, aquelles que têm espirito tiram partido dessas situações. Fran Pacheco discutia, de uma feita, pela imprensa, quando o seu contendor perguntou que havia elle feito do cisco de seu nome Francisco. E o soffrego polemista revidou, de pancada: «O Fran conservo-o; o resto joguei-lhe na cara». Não asseguro a veracidade do dito que me foi narrado, ha muitos annos, como anedocta.

Uma das provas da desmoralização dos nomes proprios é a frequencia de sua mudança ou alteração, aliás, permitida, desde o direito romano, *sine aliqua fraude*.

Na França, um decreto da Convenção deu essa faculdade a todos os cidadãos, mas foram

### Para alcançar vida longa e sadia

O que a sciencia medica de hoje preconiza para viver em boa saúde, durante largos annos; já o praticou com excellentes resultados, no seculo XVI, um nobre veneziano, Luigi Carnero, que soube descobrir o segredo de melhorar a sua má constituição e alcançar longa e sã existencia. Aos 40 annos achou-se Luigi Carnero com a sua saúde completamente abalada, e de tal maneira reformou o seu modo de vida, que ao fim de um anno conseguiu curar-se de todas as suas enfermidades, e de tal modo refortalecer o seu organismo, que viveu até a idade de 100 annos.

Os preceitos que elle poz em pratica podem ser resumidos no seguinte:

1.º—Comer e beber sempre com estricção moderação; comer e beber só o que, ingerido, dê a impressio de bem-estar, e mastigar cuidadosamente a comida; sorver aos goles a bebida vagarosamente. Se uma dieta—raciocinou Carnero—é sufficiente para curar uma enfermidade, seguramente um leve alimento é o mais apropriado para conservar a saúde.

2.º—Não se encolerizar, nunca, nem se abandonar ao desanimo ou desespero; não deixar dominar-se pelas emoções, nem pelas paixões, e conservar uma bem conformada e alegre disposição de espirito.

3.º—Fazer regular exercicio, todos os dias, especialmente bons passeios; viver o mais possível ao ar livre; respirar com força e profundamente.

4.º—Manter em estado regular e efficiente o systema eliminativo.

As mesmas regras que observou Carnero, darão também, hoje, os mesmos beneficos resultados.

Com paciencia, constancia e calma, um mundo de coisas se faz, que os annos não destróem . . .

# INSTALAÇÃO DA ASSEMBLÉA LEGISLATIVA

## A MENSAGEM PRESIDENCIAL



DR. SOLON BARBOSA DE LUCENA  
PRESIDENTE DO ESTADO



CEL. IGNACIO EVARISTO MONTEIRO  
PRESIDENTE DA ASSEMBLÉA LEGISLATIVA

Realizar-se-á ás 13 horas de hoje a instalação solenne dos trabalhos legislativos do corrente anno, devendo essa cerimonia revestir-se de grande imponencia.

Sabemos que para o devido funcionamento da Assembléa já se acha nesta capital o numero sufficiente de deputados.

Como nos annos anteriores, essa solemnidade da abertura do nosso Congresso Legislativo será prestigiada com a presença no palacio da Assembléa dos representantes de todas as classes

Obedecendo ao que resa a constituição do Estado, s. exc. o sr. dr. Solon de Lucena, chefe do governo, comparecerá á instalação da Assembléa apresentando, por essa occasião, aos srs. congressistas, a Mensagem relativa aos dez mezes de sua administração.

A Mensagem que o presidente Solon de Lucena apresentará aos lycurgos parahybanos não será um acervo de mentiras engenhosamente arranjadas para esconder as verdades dos factos. Cidadão honesto e limpo, de um

passado sem macula e sem deslises, o sr. Solon de Lucena foi, effectivamente, o unico *rightman* que o partido de Epitacio Pessoa encontrou para enfrentar as dificuldades do governo nesta excepcional crise que ora nos assoberba.

Assim, podemos, de antemão, affirmar que o documento publico do egregio estadista parahybano será a exposição verdadeira de como as cousas se passaram no seu primeiro anno de administração.

Aguardamos, com justa anciedade, a Mensagem do illustre presidente



Não vieram mais falar sobre a etiologia dos casos de febre os nossos indefesos e abnegados Esculapios. *Contraria omnia...* Mas o dr. Adhemar Loureiros prometteu voltar à lida, e os que conhecem, como eu, o temperamento desse bravo moço, devem saber que elle não é homem para se retirar assim de uma contenda, sem ter, pelo menos, quebrado meia dúzia de lanças. E, pois, é bem provável que mais dias meens dias, o tenham outra vez pela mão seus distinctos antagonistas. Para melhor saber se está morto a doença... E sabem os leitores quem quebrou o encanto dessa portentosa enfermidade?... Foi o dr. Miguel Conto, citado por dois dos seus illustres contendores, e muito mais venturoso que o primitivo Edipo.

Na opinião do illustrado professor, taes febres melhor se descrevem chamar «obscuras, indeterminadas ou genéricas».

De sorte que Mjalma, Rodrigo, Manoel, Ritaíba e outros que lá não são deste mundo, morreram de febre *genérica*... Dessa vez acertaram, não ha duvida...

Este curioso diagnostico faz-me lembrar outro, firmado tambem por uma notoriedade medica, no meu longinquo torrão natal.

Adôccera, não sei se tambem de febre, um preto de nome Simeão, muito dedicado á minha familia, de quem tinha sido escravo. Chamara-se incontinenti o medico, pois era o negro de grande estimação... Mas, com espanto de todos, declarou aquelle, após minucioso exame, e dando mostras de uma perbiidade profissional de que deve haver outros exemplos nos de sua illustre classe, que, tristemente, desconhecia a *molesia*! Entretanto os empregat todos os meios para salvar o doente... Este porém, ao cabo de poucos dias em com Deus, Nosso Senhor, depois de apenas se ter servido de duas ou tres receitas...

Es *senão* quando tambem cae doente outra pessoa, para quem, já se vê, é chamado o mesmo medico, visto como era o unico que havia no lugar.

—Doutor, que é que eu tenho?— diz-lhe o enfermo pendente dos lábios onde dormia o segredo da sentença esculapina.

—Voce está com a mesma doença do negro Simeão!— responde-lhe, e dessa vez, sem muito hesitar, o egregio cultor da sciencia de Hippocrates.

Ahi têm os leitores a synthese singella do inaudito e estupendo caso! O preto Simeão, ao morrer, legou seu nome a uma entidade morbida até então desconhecida naquelle abençoado riução!

Comentando o facto, o meu avô paterno, homem de cultura somenos, mas dotado de extraordinario senso critico, dizia:

Assás mudadas estão as coisas! Antiguamente o diagnostico precedia á cura dos doentes;

hoje — a morte destes que serve de base á indicação daquelles.

Justissima observação de um illetrado, que não levava a admittir, como certo, este interessante ambrosio: *São tantas as molesias, quanto os nomes dos doentes!*

Alguns de minhas amarras leitoras (1) pedem o meu «vibrante» protesto contra a instalação, na dependencia lateral da Igreja do Rosário, de uma «tabacaria».

O motivo de tal reclamação, se bem lhe entendes o *verbo* e *estronomatricamente*, é ter sido ali o *sinhô* de S. Antonio, a quem muitos consideram uma *terra* de *devoção*...

## MARGARIDA

(RUBÉN DARÍO)

Lembras-te? Anciavas ser uma outra Margarida Gauthier. Teu rosto, ainda hoje, em minha mente está. E a primeira entrevista, á ceia decorrída, Numa noite feliz, que não mais voltará!

Teus lábios rubros, sob a púrpura atrevida,  
Sorviam chypreo mosto, em fino baccarat...  
Desfolhavas, no amor, a branca margarida:  
«Sim»... ou «não»?... Vias bem que eu te adorava já!

Depois, Flôr de hysteria, em choro e em riso, ó louca,  
Teu pranto e os beijos teus, tive-os na minha bôcca,  
Com esse aroma e esses ais de que dono já sou!...

Mas, numa tarde triste, ao sol dos doces dias,  
A Morte, ciosa e má; por ver que me querias,  
Como uma margarida... assim te desfolhou!

## SILVA LOBATO

Sobram-lhe, por esse lado, muito boas razões, de certo; mas, por outro, parece que até nos deveríamos sollicitar, porque temos nisso mais uma prova do quanto entre nós está valorizado o tabaco, o que deve ser muito grato para as senhoras que fumam...

Affronta ao grande thumaturgo, e consequentemente á creença de nossos paes, é no que absolutamente não posso convir; que os directores de nossas consciencias não haviam de consentir no sacrilegio de uma profanação bem semelhante á que outr'ora merecera as vergastadas de um azorrague, brandido pelo proprio Christo, com estas memoraveis palavras: «Não façes da casa de meu Pai uma casa de negocio.» (S. João c. II, v. 16)

Gregorio de Mallas

Um homem, entre tres amigos; o seu dinheiro, a sua mulher e as suas boas acções.

Estando proximo da morte, mandou chamar os tres para lhes dar o ultimo adeus.

Disse ao primeiro que se apresentou:

«Adeus, amigo, vou morrer!»

O amigo respondeu-lhe:

«Adens, quando estiveres morto, farei queimar um cigarro pelo repouso de tua alma.»

O segundo veio, disse-lhe adeus, prometteu acompanhá-lo ao cemiterio, finalmente chegou o terceiro.

«Eu morro!» disse-lhe o moribundo, adens!»

«Adens, não!» respondeu-lhe o amigo, não me separarei de ti; se viveres, viveres; e se morreres te acompanharei.»

O homem morreu. O dinheiro deu-lhe um cirio, sua mulher acompanhou-o até á sepultura e as suas boas acções o acompanharam na vida e na morte.

Este foi o seu verdadeiro amigo.

Só nas affuras se deve barulhar, assim no ensinam os sinos; no chão elles são mudos ninguém os ousa tocar. Sabei, senhora, se alto, nas nuvens, andais, é sómente por vossa encantada belleza, mas como vibrá-a aos nossos olhos?

Os sinos lá no alto, só vibram com os sineiros, e a vossa belleza, senhora, só poderá vibrar nos meus poemas. A belleza é mais que o ouro e o ouro sempre foi pouco para fazer a belleza vibrar. Deixae os banqueiros, buscai os poetas e a vossa belleza ha de no mundo inteiro vibrar, o mundo todo encantando...

# QUINZENA AGRICOLA

Conheço uma certa senhorinha de nossa sociedade, rica de graças e scintillante de vivacidade, que se me não cança de dizer mal do casamento, pondo-me a descoberto todos os seus inconvenientes, dêa a falta de recursos pecuniarios com o seu cortejo de necessidades insatisfeitas, até a deslealdade que reputa attributo inseparavel de qualquer marido.

Não sei se é porque só conhece os maridos parahybanos.

E não ha argumentos capazes de demovel-a dessa opinião que, certamente, desconcorra a muitos moços de minha terra, pois, como já affirmei, a natureza lhe não foi avata na distribuição desses encantos que, pelo seu conjunto, constituem a formosura ou a graça. Eu mesmo me não lembra se já sahi duma dessas palestras com a senhorinha em questão, oprimido dessa tristeza que sempre produz em nosso espirito um desejo frustrado ou uma vaidade ferida.

É bem provavel que sim, pois sinto regimar de minha alma, á medida que aqui vou deitando estas linhas, uma certa amargura, e só a posso tomar como expressão de algum desgosto que se me haja, traçoamente, insinuado nessa parte imponderavel e impalpavel de nosso corpo a que chamam espirito.

E não se admitem de meu desgosto proccar partes tão etbercas, porquanto só o conheço, consoante o que acima disse, pelos seus effeitos, e como em minha vida não ha outro motivo de dissabor, é que o attribuo a pertinacia dessa senhorinha em condemnar-me de novo, com uma firmeza de montanha, o hymeneu para que muitas vezes batem asas os meus sonhos, ao pensamento do qual se alvoçam os meus idéas.

Esse horror ao casamento, porém, não tem o contrapeso do amor ao convento. A' singular *mademoiselle* não sorri a vida monastica.

E como já me exauri em lhe desvendar, sem proveito, esses recantos deliciosos do casamento, preparados pelas mãos da amizade, adornados pela intelligencia de dous espiritos que se fundem numa grande affinidade de idéas e sentimentos, sempre que o acaso nos proporciona um encontro—e é raro—procuro fugir ao assumpto tão do agrado da graciosa conterranea, porque noto que os seus olhos e a sua attenção estão inteiramente voltados para o lado máo de *alguns casamentos*, não querendo pesar as vantagens e venturas desse casamento instituido pela igreja, por ella abençoado e nunca assis louvado.

Ora, ia-me esquecendo de que estou occupado uma secção agricola e já estava a tratar de assumptos que contrastam inteiramente com os attinentes á agricultura. Effeitos de minha distracção, que já o meu amigo Trindade considera, injustamente, um effeito de

minha vontade de casar. Ainda está em tempo de ter mão a taes distates. Mas, não desejando chocar os leitores (desculpem-me a pretensão de querer ter leitores) com uma transição brusca, vou ver se consigo ligar por um fio a

sobre que voejam as esperanças de lucros phantásticos, a visita impertinente de chuvas, quando os raios alvejam nos frócos de algodão, brancos como neve, offerecendo-se ás mãos colhedoras do lavrador, e, enfim, como a conta mais graida desse rosario, vem o argumento *tranchant*—a sêcca, deante do qual emmurechem os mais vigorosos enthusiasmos.

Agora isto é considerando só a parte mate-



DR. FLAVIO MARTINS: Regista-se hoje o anniversario natalicio do nosso brilhante collaborador dr. Flavio Martins, vicepresidente do Estado e politico dos mais eminentes na situação parahybanos.

O illustre anniversario e a quem estamos li-

gados por laços de sympathia e admiração, desfructa em o nosso meio social de innumeras relações de amizade.

A s. s., que deverá receber copiosas felicitações da sociedade conterranea, felicitamos cordialmente.

historia de cima a que, por amor ás mulheres, chamarei á de baixo.

Não é raro encontrar-se em qualquer momento uma ou algumas pedras que se desmassem. Es vezes com violencia, em circumstancias formaes á vida agricola. Tem a agricultura como um meio de vida, além de ingratos nos compensações, dependentes.

E desentendam então o longo rosario de procalços da agricultura: a falta incessante com o caro e máo trabalhador, a inopia de conforto do campo, a baixa inopinada de productos

real, aquella que tem relações estreitas com o vil metal.

Sob o aspecto moral, lamentam a condição do agriculor não podendo desfructar na sociedade essa consideração lisongeadora de nossa vaidade, porque no contacto rude do campo se lhe não desenvolvem as qualidades sociaes que medram, entumecidas de vigor, porejantes de vida, sómente nas cidades; e dahi o canhestro de suas maneiras quando se vê de subito offuscado pela luz intensa de um salão (na Parahyba não ha este receio de

luz) e entre a desenvoltura das damas e a satisfação ruidosa dos cavalheiros.

Fosse anathema a vida agrícola e de ver que dum salto passam ao elogio do emprego publico nas copistas, ainda mesmo que a existência se lhes vá rompendo através de velhacarias inomináveis.

Se porventura fossem verdadeiros taes conceitos, estes senhores só attentavam no lado máo da agricultura—e aqui está a analogia com a história de citta,—deixando de ver, por um exclusivismo condemnavel, que assim como pôde um producto anular-se na sua baixa, pôde também valorisar-se numa alta opulenta; que uma cultura feita em tempo oportuno quasi sempre se livra dos inconvenientes meteoricos; que se no campo se

não deparam ás vezes o conforto dum *divan* amolentador, intensificando indolencias esbôçadas, tem-se o salutar duma vida em pleno ar e em plena luz.

Quanto os salões, se é que haja em frequentes vantagens, os srs. agricultores o poderão fazer com a mesma galhardia, o mesmo espirito que qualquer dos janotes cidaunos, e, certamente, com um activo menor de frivolidades.

Nenhuma incompatibilidade entre o saulão que se verga no trabalho e a casaca que, ajustada, se passeia nos salões.

Uma salubração, portanto, de bom senso...

Des adubos tratarei no proximo numero.

LAURO MONTENEGRO

## A MARACANÃ

O velho professor de francez Julião Marques, apesar de enunciação no magisterio, nunca morreia de amores pela profissão. E tinha razões de sobra. Não é trabalhando o dia todo, a ensinar em collegios particulares, a dar lições a domicilio e em sua propria casa, remunerado parcamente, que desabrocha a flôr das vocações e se afervora o ardur-dia apostolado. Uma das aulas em casa era ás 5 horas, precisamente quando a digestão ao jantar do mestre e dos alumnos estava apenas começada. Consequencia: alguns rapazes cabeceavam de somno; outros bocejavam com a maior semcerimonia.

O professor, porém, não se dava por vencido. O essencial era matar o tempo, fus-e como fosse.

Naquelle dia, abrindo *Halbout*, na lição dos substantivos, após breves considerações, fez uma demorada pausa.

—A proposito: ha entre os senhores quem faça uma idéa perfeita da intelligencia da maracanã? E como a assistencia, despertando do torpor, radiante, respondeu pela negativa, o professor Julião, com a sua voz pausada e cutiando a barbicha inteiramente branca, começou:

«A trezena de Santo Antonio em nossa casa é uma tradição de familia; faz-se desde o meu avô, o portuguez Antonio Marques, que veio para o Brasil ao tempo de D. João VI.

Ha 20 annos a'raz era alli na sala de jantar que faziamos o *terça*. Quem tirava a ladainha era a Marocas, a filha mais velha; as irmãs e demais pessoas da familia e da vizinhança respondiam. Enquanto isto, permanecia quieta, como empalhada, em sua gaiola de madeira, a linda maracanã, que deram a Marocas, no dia dos seus annos. Na sua immobilidade, davamos a impressão de estar ouvindo tudo aquillo com a maior indifferença deste mundo.

Um dia a maracanã desapareceu de casa, sendo hajdados todos os esforços feitos para encontral-a. Quanto a Marocas, quasi endordecu, tão grande era a estima que votava ao intelligente antehabido.

Por esse tempo, imatico que fui sempre por caçadas, rara era a noite de sabbado para domingo que dormia em casa. Passava-as no matto, quasi sempre só.

sito, que eu sabia inteiramente despovoado num raio de meia legua. Seria illusão dos meus ouvidos?

Seria effeito de algum sonho?

Não; não era, pois, em meio dessas conjecturas, ouvi bem distinctamente o canto e o côro que o acompanhava. Cantava-se uma ladainha.

Procurei orientar-me e sem perder tempo tomei a direcção do logar de onde as vozes pareciam vir. O dia vinha raiando e já não era difficil caminhar pelos estreitos e sinuosos trilhos que na matia havia.

A proporção que me aproximava, mais nitidamente percebi. *Santo Antonio*, alguem tirava; *Ora pro nobis*, respondia em côro uma dezena de vozes, por signal que soffriavelmente afinadas.

Ao chegar, em vão procurei com a vista alguma habitação, de que porventura eu ignorasse a existencia. Nada. Foi quando certo ruído me fez levantar os olhos para o alto de um frondejante páo d'arco. Imaginem os senhores a surpresa minha: Lá estava a maracanã da Marocas, rodeada de mais 10 ou 12 maracanãs menores. Era ella quem tirava a ladainha e as outras respondiam.

E o professor Julião Marques rematou gravemente, olhando para o relógio, cujos ponteiros marcavam mais de 6 horas:

A lição sobre o plural dos substantivos fica para sexta-feira.

F.



Hospital Santa Isabel

Certa noite estando numa «espera» de vedados, não sei como ferrei num somno profundo, só acordando pela madrugada, e como a ouvir o côro de muitas vozes. Senti a principio um arrepio percorrer-me o corpo, mas, depois, recobrando o animo, consegui dominar-me. Não deixava, porém, de surprehender-me a presença de tantas pessoas naquella

### Factos curiosos

Um bacalhão que foi pescado ha algum tempo na Inglaterra tinha no estomago 59 anzões. Também na Escocia foi pescado outro, dentro do qual foi encontrada uma garrafa tapada, contendo um papel com as seguintes palavras: «Baleiro Lucio submergindo-se a 160 kilometros de Dunnet Head. Deus nos acuda!»



## SAUDADE

Ao Carlos Almeida

Saudade, tecedeira de tristeza  
 No coração nostálgico, sombrio...  
 Rosa esfolhada, exul, á correnteza  
 De rumoroso e soluçante rio.

Saudade, sombra de luar macio...  
 E as vibrações plangentes da alma presa  
 Á dôr de um ninho que se viu vazio,  
 Em solitária e placida madeira.

Bem hajas tu, minha única alegria,  
 Mal que não cança, mágua que não cede...  
 Ó monja triste da melancholia!...

Quando eu fechar os olhos, descuidado,  
 Samaritana, has de matar-me a sede  
 No ultimo pranto que eu tiver chorado!

S. Guimarães Sobrinho

## INTIMOS

A Edesio Silva, com sincera afeição.

Tristes, sombrios, como dois captivos,  
 A sós, presos á idéa do passado,  
 Conversavam dois velhos pensativos,  
 De cabellos de neve e olhar maguado...

Cada qual mais ferido e torturado  
 Pelo rigôr dos soffrimentos vivos,  
 Guardava n'alma seu romance amado,  
 De sorrisos e beijos fugitivos...

Companheiros de alegre mocidade,  
 Tinham, naquelle placido recanto,  
 Dôce refugio á mystica saudade!...

Um mirava um retrato já sem côr...  
 E o outro, com os olhos humidos de pranto,  
 Relia as cartas do primeiro amôr!

Americo Faleão



## SONHO DE MADRUGADA

PAULO DE MAGALHÃES

Valiosas subvenções do governo federal á «Associação dos Empregados no Commercio» e á «Mechanica».

Nas duas casas de Congresso da Republica acaba de ser approvedo o projecto que aucto- riza o governo federal a subvencionar annual- mente a «Associação dos Empregados no Commercio da Parahyba» e a «Sociedade Ar- tistas O, Mechanicos e Liberes».

Achamos de muito alcance a approvação do alludido projecto, que vem, destarte, em auxilio de duas importantes associações con- terraneas, as quaes grande somma de serviços têm prestado ás nobres classes de que são or- gamis constituídos.

A' «Associação dos Empregados no Com- mercio da Parahyba» coube uma subvenção annual de cem contos, a fim de a mesma cus- tear as despesas para um edificio destinado á sua séde, o qual se destina também á installa- ção de uma Academia de Commercio.

Por sua vez, a «Mechanica» conseguiu ser subvencionada, no orçamento do anno vin- douro, com dez contos annuaes, beneficios estes de cujo fim muito hão a lutar os dois antigos e prestigiosos socializos parahybanos.

Este acto do poder legislativo da Republica, apoiado pelo exmo. dr. Eutacio Pessoa, me- rece de todos nós, interessados directamente pelo engrandecimento de nossa terra, os mais entusiasticos applausos e apoio decidido.

## UM CAUSO SÉRO!

Uma vez fui no Rucife;  
Duas vez eu lá te vi;  
Três vez tu já m'iscrevece;  
Quato vez me arripindi. . .

De cinco vez tê dizido  
Qui indoidava de te amá,  
Purquê seis vez me dixero  
Qui tua mãe, (só preá!)

Sete vez dois geme teve  
E umas oito im teu pae deu,  
E inté cum baçõra xuja  
A cara delle barreu!

Nove vez eu me arripio!  
Se a tua mãe tu puxá  
E dez vez tu tivé fio,  
Vou doidinho me acabá!

ERCAN

Uma ignorancia feliz pôde inspirar intrepí- dez, até a um coharde; o desdém, porém, só pertence aos que têm consciencia de sua supe- rioridade.—Cezar Zania.

. . . e, ás dezoto hora, chegaram os Perdigão- Sampaio.

O espaço templo estava enfestonado com iluminação abundante, cahindo em jorros das lampadas opacas, pendentes em candelabros dourados do tecto e das paredes. As sacadas internas ostentavam enfiamento azul com franjas bordadas e as columnas receberam, também, ornamentação discreta.

Dona Amanda, entrando, envolveu com o olhar o conjunto da igreja. Parou mirando, ao longe, o altar-mór, lindo com aquella le- genda em lampadas minusculas, dispostas em arco:—O MARIA CONCEBIDA SEM PEC- CADO.

A nave central estava á pinha, ouvindo-se um como zum-zum subterraneo, que até dava áquillo uma feição de agglomerado musuima- no. A temperatura era de uma forja. Dona Maria Concepta suava á valer. Suava tanto,

—Não ha mais decoro, seu conego . . . Es- ses mações deviam ser enxotados . . . Que vão fazer suas obras lá com o Inimigo!

A mulhersinha contou taes historias ao pa- cato sacerdote, que elle se tomou de raiva, e encarou-a, dizendo pausado e resolutio:

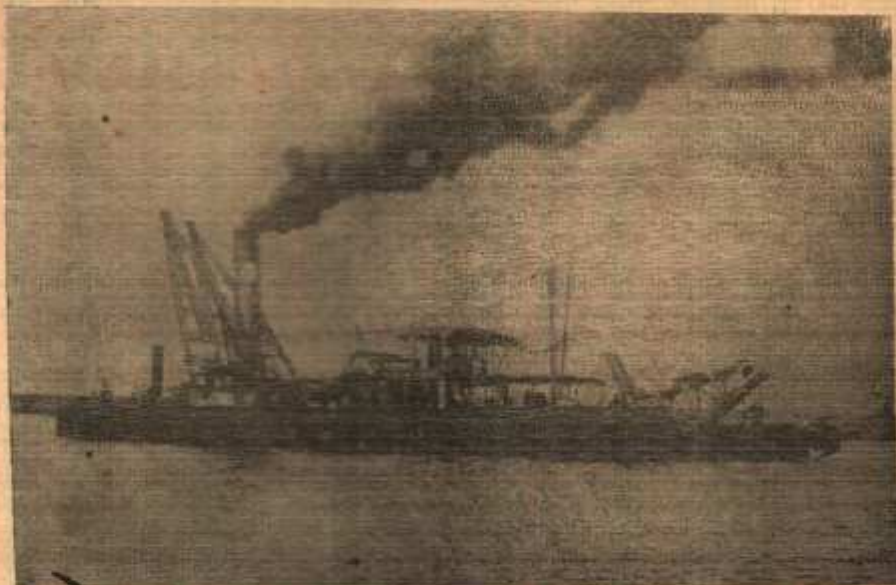
—Sou muito homem dona Leó para agar- rar um desses pelmuras pelos cós e pô-lo para fóra! E rôxo de justa colera, disse mais essa ameaça horrenda para a beata:—E não duvi- de nada se hoje mesmo for trancada a nossa Santa Igreja! . . .

—Não! seu vigario . . .

—Já disse. Vou direitinho ao sr. bispo.

Naquelle dia as mulheres andavam estontea- das pela Igreja, apprehensivas com o que pu- desse advir, pois, rapazes, aos magotes peram- bulavam nos corredores em indiscreta «gazarra».

O celebrante percebera o que se estava pas- sando e já olhara varias vezes para trás, pigar- reando continuamente. Mesmo antes da oppor-



Draga "PARAHYBA" que vem trabalhar nas obras do nosso porto

que dona Amanda se afastou opprimida pelo calor que irradiava do rosto alogueado e co- riaceo dessa incommoda vizinha.

Ladeado de dois bisonhos rapázinhos para- mentados de roquetes, o conego Sylvestre deu inicio á celebração Mariana.

No côro estrugiram vozes de bronze, ouvindo-se as gargantas mais gabadas da cidade: o Quintella, o Paulo Xavier, o Bayá, o Manuel Pacheco de Aragão, este conhecido por *Chabulinha*.

Sob as arcadas postou-se a rapaziada alegre e communicativa. Com essa assistencia é que as devotas encabulavam.

—Uns *crentes!* vociferava sinhá Leocadia, nem se ajoelham na apresentação da Coisa. O respeito dessa digna Zeladora era tamanho, que nem ousava pronunciar o nome do Viatico. Não se julgava de boca sufficientemente lim- pa; e julgava muito bem.

No dia anterior ella fóra pela quarta vez á casa do sr. vigario participar-lhe das scenas de desrespeito que alli occorriam diariamente, por occasião das noveñas.

tunidade para o sermão, que deveria preceder á Ladainha, elle deixou precipitadamente o Altar, assomando ao pulpito com physionomia congestionada. Projeciou um olhar fulminante sobre a ala dos Almofadinhas e fixou um del- les, explodindo-lhe da bocca palavras contun- dentes:

—Na qualidade de responsavel por este tem- plo perante Deus, não admitto que o senhor entre aqui com intuitos menos dignos! Esses impios . . .

A assistencia seguiu com o olhar a direcção do olhar do padre. Um silencio de espanto muniçou todos os corações. Os vizinhos do apostrophado tremiam. Este foi levantando me- chanicamente a mão esquerda e espalmou-a so- bre o peito, reclinando para a frente a cabeça, numa interrogação muda, espantada:

—Mas eu? . . .

— . . . Esses impios que não merecem a agua que bebem . . . E o impio quebrou a imantação daquelle ambiente, sahindo teso, contrafeito, pisando forte no mosaico, sem di- zer palavra, sem enxergar ninguém.

... Elles querem fazer da casa de Deus um prolongamento das tascas onde commettem as suas depravações... O bom do sacerdote escôto nesse diapasão a sua piedosa colera, fazendo soluçar ás beatas mais rendidas.

Alguns amigos mais chegados do conego Sylvestre o acompanharam até á casa, tementes de alguma aggressão por parte do moço questionado. A sua decisão, a sua severidade no momento de sahir da igreja, assim desafiando a todo mundo, ih!... aquelle moço não teria bom genio. E esses temores tinham seus motivos. Elle alli chegara coincidindo com o padre no pulpito.

—E depois, commentavam os habituaes da igreja, elle nunca fôra visto nessas reuniões... Era até a primeira vez que apparecera...

—O sr. conego, completava o sacristão, o seu Graça, é que não conhecendo tomou elle por um sujeitinho insolente que outro dia levou uns bofetes no paeto...

—Você esclareça isso ao conego Sylvestre, seu Graça.

—E elle até, interveiu um terceiro, parece ser uma boa alma...

—Pois não, confiriuvo ainda o sacrista, parece ter uma boa arma.

O facto tinha acabrunhado geralmente, excepto a uma trempesinha de devotas, e entre ellas, dona Amancia, que já tinha visto aquelle typo arrogante, «não sabia aonde».

Na casa do coronel Sampaio o incidente foi commentado pelo direito e pelo avesso. A religiosa matrona estava de peito lavado.

— Bem feito... tanto fizeram, tanto fizeram... E vocês repararam como o usado encurrou para seu vigatio? Parecia qui quirão dá um bôte... Ah! se elle se atrevesse! Esgritava tanto desaloro!...

A mectiva creoulá Maria da Circuncisão, recostada a um portal, com a mão na bocca, murmurou sem querer:

— Ah! ôdacio... O coronel Sampaio ria-se com as ameaças da esposa e a jovial Mercedes reconstituiu mentalmente a violenta scena da Igreja, e o parte do desconhecido que achara impressionante naquelle gesto de ostensiva brutalidade.

As 21 horas soaram os clarins nos quartéis, em voz de silencio. A cidade já estava toda recolhida, não andado viv'alma nas suas ruas sinuosas. O céu ostentava o fogacho aquoso das estrelas, que se projectavam, ás vezes em bó-lidos pelos espaços, arrancando de cada bocca murmura a sabação ingenua e supersticiosa:

— Deus te salve, Deus te salve... E o aerolito vagabundo fugia, fugia, deixando um rastro curvo, luminoso, até apagar-se, até submergir-se no mar com um rumor abafado.

A casa dos Sampaio trançou-se pouco tempo depois.

Ao se deitar, Mercedes tinha ainda bem viva a physionomia energica do imoio. Ella ajoelhou-se sobre a cama e poz as mãos cruzadas sobre o peito para a Recommenção da noite.

Depois beijou uma effigie sacra e deitou-se. Com vinte minutos o seu espirito exaustivo de tantas emoções dormia, despertando-se-lhe, então, as suas faculdades subconscientes para os sonhos diaphanos, fugaces de uma juventude mulla e vivaz.

E os sonhos então lhe encheram a noite inteira.

Cerca das três e tanto ella acordou, como sempre succedia a essa hora, para depois afeirar-se novamente no sonho.

Lembrou-se que vira, dormindo, o mesmo rapaz agora numa postura de commovida humanidade, assim, na sombra de uma luz fôca. A figura delle aguçava-lhe os pensamentos. No sonho estava engolfado em intima oppresão.

—Coitado... Mas o padre também não sabia, disse consigo.

As idéas tumultuavam-lhe o crebro. Vira-

va-se de um lado para o outro; o bravesseiro estava sempre quente e incommodo. Fechava os olhos para dormir, mas não podia; não queria pensar, mas pensava.

—Quem seria elle? Mercedes na sua excitação, suggeria-se as hypotheses mais extravagantes. Nunca sentira soltarassim as redess da imaginação. Naquelle idade, 18 annos, ainda não tivera transportada sua alma para a outra margem, onde esprieta

GALERIA INFANTIL



Luzia, Janjira e Jeyra, filhas do dr. José Estevão Guedes, clinico residente em Campina Grande.

Folk-Lore

De passagem por esta capital, e em esturdo ao norte, a fim de adquirir notas sobre a poesia parabyba para a publicação de um livro, promovevam para sempre com dos nomes da nossa cultura a União de artistas brasileiros João Pernambuco e José Luiz Calazans.

Essa actividade assume caracter solenne, compreendendo a missão intellectual e pensada da mais monumentosa social da Parabyba, que não representa applicação nos acclamados artistas nacionaes.

João Pernambuco é exímio violonista e Luiz Calazans é um cantor de temas sertanejas de grande sonoridade.

Brevemente esses artistas estarão de volta a esta cidade, de regresso do Ceará, pretendendo effectuar no Teatro Sampa Rosa uma sessão, na qual serão cantados varios temas do nosso collega Mardokêu Nacre, director tecnico desta revista, as quaes foram carinhosamente colleccionadas pelos referidos artistas.

Sobre o exemplo a que nos reportamos, do livro de folk-lore dos sr. João Pernambuco e Luiz Calazans, a ser publicado por occasião do transcuro do Centenario, já o nosso companheiro Mardokêu Nacre havia tido identica idéa.

esse animal selvagem—o Homem. A sua afeição até aquella data, pairara entre a irmãzinha Gloria, a tia, o titio e os paes que já eram com Deus.

Nessa noite estouto a reconciliar o sonho Abriu, contemplativos, os grandes olhos humidos, amendoados. Focou-os numa fresta do tecto, por onde surpreendeu, muito ao longe o palor da alvorada. A claridade imprecisa lembrava a que envolvia o moço, no sonho. Agora recordava-se melhor: houve um momento em que ele ergueu o busto. Viu-a e quedou. Passou, de mauso, o olhar sobre a nave, pois era no templo onde ambos se encontravam a sós. Não havia ninguém. Ermo e silencio. As respirações delles dois, depois que se avistaram ficaram exterores naquelle imenso vasio. Então virou-se para Mercedes e fitou a commovido, parecendo-lhe a ella que o desconhecido repelia ainda aquelle gesto: espalmou a mão no peito numa interrogação muda, singela e pensosa. Só isto. A rapariga reconstituiu o sonho, detendo o olhar para não cortar o fio da lembrança.

—Não, não quero mais pensar. E sentou-se na cama, premindo o botão electrico para accender a lampada. Ainda havia luz daquella hora quasi matinal. Procurou no chão os sapatos, calçando-se. Olhou-se ao espelho, os seus cabellos estavam em desalinho. Recostou a mão esquerda na nuca, estirando-se para traz num gesto de preguiçosa volupia. A camisa de cambraia fininha estava colada á mactez dos seus contornos. Mirou-se novamente ao espelho discreto e achou-se diferente dos outros dias. Desceu num repuchão, a camisa até o antebraço e viu pela primeira vez, com orgulhosa curiosidade, a curva nivea das espaduas, a ondulação arlante dos seios pontudos, seivosos.

Approximou bem o rosto do espelho fixando os proprios olhos. Elles estavam róxos e distilavam desejos, desejos esfusiantes. Depois endireitou-se num repentismo de pudor, voltando-se para o leito. Dormiu, dormiu...

Tanto é assim, que o apreciado folk-lorista parabybano, desde o mez de julho, vem preparando o seu livro de folk-lore, já bastante adelantado, a fim de commemorar o Centenario da Independencia, na Parabyba, com a publicação do mesmo.

Louvamos a iniciativa de Mardokêu Nacre, prestando a sua valiosa e ineslimavel cooperação ás letras parabybanas, cujos surtos nestes ultimos tempos são notorios.

"SONETAS"

A côr morena é a côr que mais venêro  
A côr morena é a côr que eu queiro bem,  
A côr morena é a côr que eu muito quero,  
A côr morena é a côr que me convém.

A côr morena é a côr que tem primores,  
A côr morena é a côr das illusões,  
A côr morena é a côr dos meus amores,  
A côr morena é a côr dos corações.

A côr morena é a côr dos d'ões beijos,  
A côr morena é a côr da virgem pura,  
A côr morena é a côr de meus desejos!

A côr morena é a côr branda e querida,  
A côr morena é a côr da minha sorte,  
A côr morena é a côr da minha vida,  
A côr morena é a côr da minha morte.

Clemente Guedes

## DE PASSAGEM...

## VIII

Uma indisposição de momento, que não chegou a ser conhecida pelos presentes, me privou de observar com atenção tudo quanto pertence á «Fabrica de Cortumes S. Francisco», na visita que, a 7 de junho, a convite dos seus dignos proprietários, lhe fizera diversas autoridades e amigos particulares, inclusive o sr. presidente do Estado.

Não é, sem ter entrado no conhecimento, embora incompleto, de tudo que se relacione com um estabelecimento dessa natureza, incluindo-se mais ou menos de sua produção, do material empregado, do methodo de trabalho, da disciplina, da ordem etc. que se chega a firmar opinião sobre o mesmo, dizendo com sinceridade do que vira.

E' fóra de duvida que, d'uma visita adrede preparada, todo o tempo se decorrendo em commentarios e apreciações sempre lisonjeiras e ao paladar dos donos da casa, e terminada por um copo da popular cerveja, ou por uma taça da fidalga *Champagne* gelada, servida aos visitantes, a impressão trazida é, em regra, boa, senão optima.

Nunca li em noticias de imprensa conceitos desfavoráveis ou desabonadores a uma visita dessa ordem.

Mas, eu precisava dizer a verdadeira impressão que tive do estabelecimento dos srs. Guerra & Gusmão, situado a um canto da cidade baixa (ladeira de S. Francisco) por onde não passava ha muitos annos, graças á linha de bonds que nos leva ao Varadouro, não sem as interrupções e os caprichos dos que andam com os pés alheios! . . .

Para dizer com justiça da industria daquelles operosos cavalleiros, dispuz-me a uma segunda visita, na qual fui acompanhado do joven collega dr. Pinho Espinola.

Preferi pegar todo aquillo de surpresa, em trajes caseiros, como disse a proposito da visita que, em setembro do anno passado, fiz ao Hospital Portuguez, no Recife, nas vesperras de ser realizada alli uma grande festa. Gosto mais da belleza natural, desta que se nos apresenta sem os artificios que muitas vezes deturpam, da belleza tal como foi creada, com todos os seus traços e aspectos.

Assim é a officina, onde impera o trabalho exhaustivo e honesto em todos os seus multiplos desdobramentos,—obra incomparavel do esforço, da vontade e da intelligencia humana.

Foi assim que appareci em uma manhã da segunda quinzena de agosto findo, ao estabelecimento de que venho falando.

Alli tudo agradou-me, desde a ordem no trabalho, á disposição do aparelhamento moderno, todo em movimento, e accionado á electricidade, a é o interesse do operariado, em numero de 95, cada qual cuidando do seu me-tér, mostrando bem conhecei o seu officio,

Tenho em mãos um numero do *S. Paulo Industrial*, importante revista que se publica na capital do Estado do mesmo nome.

Em sua primeira pagina lê-se que «a actividade industrial de S. Paulo não se pode enfraquecer. Precisamos caminhar sempre assim, até que possamos ser, definitivamente, o fornecedor soberano nos mercados da America Latina».

E seguem-se, desenvolvidamente, bellissimas considerações sobre *Metallurgia, Pesca, Agricultura e Industria Pastoral*.

Seria loucura imaginarmos uma aproximação sequer daquella poderosa unidade da Federação; mas nem por isso descuramos de examinar os nossos interesses nesse delicado e futuroso ramo do progresso humano, sem

perdermos de vista que «a industria representa, como factor social, um papel relevantissimo: cria a escola do trabalho e, regulimentando-o, appareha o homem para as grandes concepções».

A iniciativa particular jámais deve ser desprezada para os grandes empreendimentos.

Sem ella não poderemos alimentar aspirações, sem ella nunca realizaremos os nossos idéas e nunca, de certo modo, nos libertaremos da acção dos maus governos.

Intensifiquemos, pois, as nossas industrias! Trabalhemos!

Já foi dito que «o trabalho exerce uma funcção duplamente moralizadora, visto como o individuo que se applica ao trabalho proficuo e util a si proprio, sendo tambem util á grande familia humana, de cuja estructura intima é uma particula integrante».

E fica assim registada a minha visita á *Fabrica de Cortumes* desta capital.

GIL

## Propaganda Presidencial



E' esperado, até o dia 5 do corrente nesta capital, o sr. J. J. Seabra, um dos eminentes políticos da actualidade e prestigioso candidato á vice-presidencia da Republica, S. exc. depois de ter visitado o Estado de S. Paulo, onde fez algumas conferencias em prol da candidatura Nilo Seabra, vem em memorada excursão pelos Estados do Nordeste justificando, com a sua palavra auctoriçada de orador de Iolego, a chapa presidencial a que muito congnatamente pertence. O dr. J. J. Seabra é um nome que não precisa apresentação em qualquer parte do Brasil porque nada o recomtenda melhor do que o seu passado de homem publico. Duas vezes elevadto ao alto posto de Ministro prestou relevantes serviços ao paiz perpetuando cada dia o seu nome de estadista com os actos criteriosos de sua administração.

*Era Nova*, sem nenhum credo politico, tem a oportunidade de estampar o cliché do illustre homem publico, almejando-lhe francos resultados no fim a que se destina.

Dr. J. J. Seabra

# RUY BARBOSA

## O briaréo da palavra falada e escripta

Lei e liberdade são as tabuas da lei da vocação do advogado. Nellas se encerra, para elle, a synthese de todos os mandamentos. Não desertar a justiça, nem cortejar a. Não lhe faltar com a fidelidade, nem lhe recusar o conselho. Não transgredir da legalidade para a violencia, nem trocar a ordem pela anarchia. Não aceitar os poderosos aos desvalidos, nem recusar patrocinio a estes contra aquelles. Não servir sem independencia a justiça, nem quebrar da verdade ante o poder. Não colaborar em perseguições ou attentados, nem pleitear pela iniquidade ou immoralidade. Não se sotrabair a defesa das causas impopulares, nem a das perigosas, quando justas. Onde for apuravel um grão, que seja, de verdadeiro direito, não regatear ao attribuído o consolo do amparo judicial. Não proceder nas consultas senão com a imparcialidade real do juiz nas sentenças. Não fazer da banca balcão, ou da sciencia mercatura. Não ser baixo com os grandes, nem arrogante com os miseraves. Servir aos opulentos com altivez e aos indigentes com caridade. Amar a patria, estremer o proximo, guardar fé em Deus, na verdade e no bem.

Senhores, devo acabar. Quando, ha cincoenta annos, sahia eu daqui, da velha Paulicea solitaria e brumosa, como hoje sahis da transfigurada metropole do maximo Estado brasileiro, bem outros eram este paiz e to o o mundo occidental.

O Brasil acabava de varrer do seu territorio a invasão paraguaya, e, na America do Norte, poucos annos antes, a guerra civil limpava da grande republica o captivo negro, cujo agonia esteve a pique de a sossobrar despedaçada. Eram dois prenuncios de uma alvorada que, em 1888, sahia eu daqui, da velha Paulicea solitaria e brumosa, como hoje sahis da transfigurada metropole do maximo Estado brasileiro, bem outros eram este paiz e to o o mundo occidental.

Ninguém percebeu que se estavam semeando o captivo e a subversão do mundo. Desde a menos de cincoenta annos, aquella atroz escorbção do egoismo politico envolvia culpados e innocentes numa serie de convulsões tal que acreditavos haver-se despejado o inferno entre as nações da terra, dando ao inaudito phenomenon proporções quasi capazes de representar, na sua espantosa immensidade, um cataclysmo colossal. Parecia estar-se disarrebando e

aniquilando o mundo. Mas era a eterna justiça que se mostrava. Era o velho continente que principiava a expiar a veia politica, desalmada, mercantil e cynica dos Napoleões, Metternichs e Bismarks, com cyclones de abominações inenarraveis, que bem depressa abrangeria, como abrangeo, na zona das suas tremendas commoções, os mares confiantes, e deixar nublado o céu innocuo em tormentas cataclysmicas, só Deus sabe por quantas gerações viera das mesmas d'as.

O Brasil do mercantil mercantilismo que

### EM CARPINA GRANDE



Maria Ottilia Xavier Campos e Rosalina Campos, de 1888, em Carpinha Grande.

explorava a humanidade, o colosso do egoismo universal, que, durante um século, soffria impavido a influencia dos calculos dos governos sobre os direitos das povos, o tremido impio do ambicio e da longa rebelião e se desferiam nos descomulgados povos, le-

guem poderia ainda expectar com o quando acabou. Neste caso da terra, o Brasil «de legumina sul americana», estabelecida com a guerra do Paraguay, não cultivava tais veledades, ainda bem que hoje de todo em todo extintas. Mas encorava uma era de agitações juridicas e revoluções inextinguíveis. Em 1888 abolia a propriedade servil. Em 1889 batia a corda e organizava a Republica. Em 1907 entrou, pela porta de Haia, ao concerto das nações. Em 1917 alinha-se na aliança da civilização, para empunhar a sua responsabilidade e as suas forças naves na guerra das guerras, em

soccorro do direito das gentes, cujo codigo ajudara a organizar na Segunda Conferencia da Paz.

Mas, de subito, agora, um movimento derivado parece estar-nos levando, e npxados de uma corrente submarina, a um recuo inexplicavel. Diries que o Brasil de 1921 tendesse, hoje a repudiar o Brasil de 1917. Porque? Porque a nossa politica nos descurou dos interesses e, ante isso, delirando num excessivo de frivolo despejo, trazimos desmentir a excelsa tradição, tão gloriosa, tão intelligente e fecunda.

Não senhores, não seria possível! Na resolução de 1917 o Brasil acendeu a elevação mais alta de toda a nossa historia. Não descerá.

Amigos meus, não. Compromissos daquella natureza, daquella alicança, daquella dignidade não se revogam. Não convertamos uma questão de futuro em questão de relance. Não transformemos uma questão de providencia em questão de cobicia. Não reduzamos uma immensa questão de principios a vil questão de interesses. Não demos de barato a essencia eterna da justiça por uma tastera desavença de mercadores. Não bargalhemos o nosso porvir a troco de um mesquinho prato de lentilhas. Não arrastemos o Brasil ao escandalo de se dar em espectáculo à terra toda, como a mais lutl das nações, uma nação que, á distancia de quatro annos, se desdisse de um dos mais memoraveis actos de sua vida, trocasse de idéas, variasse de afeições, mudasse de caracter, e se renegasse a si mesma.

O senhores, não, e não! Paladinos, ainda bem, do direito e da liberdade não vamos agora mostrar os punhos contrahidos aos irmãos, com que commungavamos, ainda ha mes. Não descerá a terra.

explicações dadas à nação pelos seus agentes até este data, são inconsistentes furtacões. Não culpemos o estrangeiro das nossas decepções politicas no exterior, antes de averiguarmos se os culpados não se achariam aqui mesmo, entre os v quem se depara, nestas cegas agitações de odio a outros povos, a diversão mais oportuna dos nossos erros e miserias intestinas.

O Brasil, em 1917, plantou a sua bandeira entre as da civilização nos mares da Europa. Dahi não se retrocede facilmente, sem quebra da seriedade e decóro, se não dos proprios interesses. Mais cuidado tivéssemos, em tempo, com os nossos, nos conselhos da paz, se nellas



quizessem os brilhar melhor do que brilhámos nos actos de guerra, e acabar sem contratempos e dissabores.

Agora, o que a politica e a honra nos indicam, é outra coisa. Não busquemos o caminho de volta á situação colonial. Guardemo-nos das proteções internacionaes. Vigiemmo-nos das potencias absorventes e das raças expansionistas. Não nos temamos tanto dos grandes imperios já saciados, quanto dos enciosos por se acharem taes á custa dos povos indefesos e mal governados. Tenhamos sentido nos ventos, que sopram de certos quadrantes do céu. O Brasil é a mais cobiçavel das prêsas; e, offercida incauta, ingenua, inerte, a todas as ambições, tem, de sobejo, e m que faltar duas ou três das mais formidaveis.

Mas o que lhe importa, é que dê começo a

Ainda vós podereis salvar a vós mesmos. Não é sonho meus, amigos; bem siuto eu, nas pulsações do sangue, essa resurreição almejada. Oxalá não se me fechem os olhos, antes de lhe ver os primeiros iudícios no horizonte. Assim o queira Deus.

## AS ABELHAS

A PROPOSITO DE UM SONETO

Começo pedindo desculpas e ao mesmo tempo agradecendo ao distincto poeta que publicou na *União*, de 25 de junho ultimo, um soneto com o titulo acima. Desculpas pela minha pretensão em procurar destruir esta tra-

empregando cinco ou seis apicultores habilitados, entre os quaes um especialista bacteriologo, encarregado de estudar as enfermidades. A colheita de mel chega a alcançar alli cifras phantasticas para nós, brasileiros pobres. Leiam commigo um trecho do *A B C de la Apicultura*, edição hespanhola: *La produccion de miel, que hace algunos años era de tan poca importancia que ni siquiera se registraba, ha llegado á alcanzar la enorme cantidad de ciento cincuenta hasta ciento setenta y cinco millones de libras por año, em los Estados Unidos da America.*

Poderia citar ainda a enorme produção europea, com a Alemanha em primeiro lugar, a França, Italia, Suissa, etc.

As maravilhosas exposições apícolas, as sociedades e congressos de apicultores da Europa e America do Norte.

Mas, para me não alongar e falar também do nosso caro Brasil, transcrevo aqui o que nos diz o dedicado professor Emilio Schenck no seu *Apicultor Brasileiro*, 4.<sup>a</sup> edição em portuguez: "No verão de 1905/06 colhi, por exemplo, de 90 familias 5.000 kilos de mel, que me renderam 3 contos, tendo eu empregado no tratamento das abelhas uma parte relativamente pequena de meu tempo. É verdade que nem todos os annos são assim bons; mas também é verdade que elles pôdem vir melhores.

Em 1911/12 colini, em média, 53 kilos por familia, ao todo 11.300 kilos, que me produziram 7 contos."

O prospero Estado do Rio Grande do Sul, por intermedio do Ministerio da Agricultura, commissionou, o anno p. p., o referido prof. Schenck para ir aos Estados Unidos adquirir familias de abelhas itaianas puras, o qual desembarcou no Rio, de volta, no dia 15 de novembro, trazendo 20 colonias que seguiram logo para o Instituto Borges de Medeiros, daquelle mesmo Estado.

Conforme se lê na *Ch. e Qui.* do mez de junho ultimo, em maio foi inaugurada a primeira Exposição Nacional de Apicultura, em Porto Alegre, incentivada pelo Ministerio da Agricultura, com a cooperação da Escola de Engenharia daquella capital. O acto inaugural teve character festivo, foi presidido pelo proprio presidente do Estado, dr. Borges de Medeiros, que compareceu acompanhado dos seus secretarios, etc. O numero de expositores se elevou a 42, havendo distribuição de premios.

Entro agora no assumpto primordial. Como se conceber então que uma industria assim, tão adiantada, no seculo das pesquisas e investigações, ainda seja um *alto segredo que ninguem desvenda*? Diz-nos mais o professor Schenck: "Aproximadamente 10.000 obras especiaes e 100 revistas se occupam do estudo de nossa abelha e de sua cultura racional". O *A B C e X Y Z da Apicultura*, ultima edição hespanhola, é uma verdadeira encyclopedia no assumpto, contendo 470 gravuras, com explicações minuciosas, de cuja obra, em 1913, já

### SONETO ANTIGO

Ao Paulo de Magalhães

Só por o vosso olhar, Senhora minha,  
que he feito de brandura e de pureza,  
já se muda a isenta natureza,  
já me sobram cuidados que eu não tinha.

Mas... de tão pobre reino sois tanta  
junto a mim, que, servindo a gentileza,  
não exijo de Vossa Realza  
mais do que hum premio apoz do qual eu vinha

E, se é por vós que vivo ao Sonho entregue,  
—só por vosso olhar me reconheço  
nesta, que em mim se faz, feliz mudança,

He força, pois, Senhora, que eu não negue,  
a elle—o Amôr e a Fé que vos offereço  
e a vós—o meu Reinado da Esperança!



AUSTRO-COSTA

se governar a si mesmo; porquanto nenhum dos arbitros da paz e da guerra leva em conta uma nacionalidade adornada e anemizada na tutela perpéua de governos, que não escolhe. Um povo dependente no seu proprio territorio e nelle mesmo sujeito ao dominio de senhores não pôde aspirar seriamente, nem seriamente manter a sua independencia do estrangeiro.

Eia, senhores! Mocidade viril! Intelligencia brasileira! Nobre nação explorada! Brasil de hontem e amanha! Dae-nos o de hoje, que nós falta.

Mãos á obra da reivindicção da nossa perdida autonomia; mãos á obra da nossa reconstituição anterior; mãos á obra de reconciliarmos a vida nacional com as instituições nacionaes; mãos á obra de substituir pela verdade o simulacro politico da nossa existencia entre as nações. Trabalhae por essa que ha de ser a salvação nossa. Mas não buscando salvadores.

diciona! lenda do nosso maluto: o *segredo da abelha*, que o soneto mantem; e agradecimentos, por ter o mesmo soneto me estimulado a escrever este insulso trabalho.

Os leitores indulgentes não estranhem a minha chá e desataviada expressão.

Na qualidade de amator em apicultura, venho publicar algumas notas mais interessantes sobre estes intelligentes hymenópteros. O que vou dizer nada aproveitará a apicultores, pois nada demais adiantarei e limitar-me-ei sómente a descrever algo dos habitos e perfeita organização das abelhas em geral.

Falarei primeiramente da *apis mellifica* ou abelha europea, por ser a mais cultivada, estudada e mesmo civilizada.

A apicultura racional e mobilista é hoje uma industria extraordinaria, e nos Estados Unidos, relativamente, dá melhores resultados que a criação de gado no Brasil! O governo americano gasta annualmente quinze mil dollars,

se haviam publicado 110.000 exemplares, em 4 linguas? E a *Arte das Almas*, do eminente sabio e poeta braga, M. Martins, esse primor de literatura, onde não se sabe o que mais admirar: si os profundos conhecimentos e observações, si os attributos typographicos que atingem ao mais do sublime? E as colluctas de apertecidos desenhados ao melhor gosto das abscissas, preparos da casa e cultura do uel? A creação artificial de rimbos? A cuidadosa selecção das jartanas? Os diversos modos de enxameagem artificial?!

E vetado, que ainda muito que pesquisar e pesquisar no vasto campo da sciencia humana e applicar a cartographia? Inadmissivel, porém, e raro, o modo popular de que ha um interesse grande no ensino. Qualquer trabalho de cartographia, que se publica, as fôrças do ensino de cada um dos nros habitantes devessem de estudar, ler, e ensinar e ensinar.

FRANCO BARRETO

(Continua)

## ASSUMPTOS PEDAGOGICOS

### DENEGASO CONDEMNABEL

Quando fui ao tempo do governo do sr. dr. Camillo de Hollanda, achando-me a passar uma temporada em Bahayans, tive de vir a capital para o trato de negocios particulares.

Aqui chegando, recebi a visita gentilissima dos professores Sierando Costa e Eduardo de Medeiros, os quaes, mostrando-me o original de um trabalho feito em collaboraço por ambos elles, pediram o meu juizo sobre o alludido trabalho, que anteriormente já obivera parecer favoravel dos illustres srs. dr. M. Tavares Cavalcanti e coronel João de Lyra Tavares. Achava-me, assim, como que *aperiado* entre duas opiniões competentes e ante as quaes meo modo de dizer nada adiantaria. Em todo caso, para não fugir á esparvante expectativa de meus jovens amigos, tracei a respeito alguns linhas, que elles tiveram a nimia gentileza de collocar ao lado dos escriptos de Tavares Cavalcanti e de João Lyra, opiniões estas três, incluindo a pobre da minha, que acompanham, em copia, cada um dos fasciculos em que se divide a obra.

Toda-se dos *mappas-mudos* para o estudo da Chorographia do Brasil: uma applicação muito intelligente e curiosa de cartographia, mas chamada cartographia hoje ainda llo colada nos cursos e que eu já adoptava, nesta capital, desde 1891—do que podem dar prova os muitos meus ex-alumnos ali vivos.

O trabalho a que me venho referindo não loquei, somente, os applausos de Tavares Cavalcanti, de João Lyra e meus.

Mais tarde um pouco, em 24 de abril de 1919, o Conselho Superior do Ensino emittiu acurado e criterioso parecer, opinando pela adopção dos *mappas-mudos* em nossas escolas publicas. Esse parecer é assignado por nomes respeitaves como estes: dr. Eduardo Pinto, sr. Odilon Coutinho, dr. Flavio Marója, sr. João Milanez e professor José Gomes Coelho.

Seguiu-se um decreto do governo do Estado, sob n. 1025, de 17 de julho de 1919, determi-

nando a adopção do alludido trabalho nas escolas publicas.

Que, por uma applicação curiosa, leu aos meus olhos no tempo de estas pedagogicas, me a saber que o trabalho em questão é quasi desconhecido nas escolas publicas?

Os alumnos venham a comprehender a ser-

### EM CAMPINA GRANDE



Mrs. Lydio Xavier de Barros

viço graphico, para o completo da obra, em virtude da falta de pagamento do mesmo que o governo lhes prometteu. Mas como o sr. presidente Siqueira de Lacerda parece disposto a respeitar o dito pagamento, penso que a obra vai continuar até agora estão publicados quatro fasciculos seguintes.

Mas pergunto com esta vontade, porque os *mappas-mudos* não estão sendo utilizados nas escolas?

Sua boa conferencia e a experiencia graphica

das cartas não, applicadas duplamente pelo conselho de ensino e pela adopção official.

E uma falta de amor ás nossas proprias cousas.

Os *mappas-mudos* dos professores E. Medeiros e N. Costa são dignos da attenção de todos entendidos no assumpto.

Sabemos que muitos professores fazem de creanças, ás vezes proprietas, livros de custo relativamente elevado; ao passo que um de cada dos fasciculos dos *mappas-mudos* custa apenas um mil réis.

Para os alumnos verdadeiramente pobres, sem recursos pecuniarios, o governo deve fazer o fornecimento gratuito, como gratuitamente se fornecem outros objectos escolares.

Mas deixar abandonado e no esquecimento o esforço posto em obra concreta de real merecimento—é matar o estímulo dos que trabalham.

Possuimos, no genero escolar, alguns trabalhos ali sepultados na indifferença holozenta dos invejosos e dos impoentes: José Coelho fez a sua Chorographia da Parahyba; Manuel Tavares a sua *História da Parahyba*; João Lyra seus varios opusculos... e outros e outros que poderiam ser incluídos no genero didatico.

Tudo isso ainda ali meterido por uma compenção áspera é impoente de escriptores algo letrados, escriptores que, especialmente em geographia e historia, nem indicam precisamente as localidades e as accidentes de nosso territorio, nem citam exactos os nomes de nossos antepassados illustres.

Ainda em materia de ensino: ha poucos mezes um artista patriota confeccionou uma cadeia escolar que é do que eu conheço no genero, o melhor typo havido até hoje entre nós. Pois bem: esse artista não achou quem lhe desse a mão: até os jornaes silenciaram sobre o seu curioso invento que, segundo me conta, vai ser adquirido pelo governo de Pernambuco para ser nas escolas do vizinho Estado perneta.

E, como se vê, um denegaso condemnavel e revelador de nossa falta de amor á nossa propria terra.

ARTE DA SILVA

### Lamento de maituto

Lactei bastante, acredita,  
Na lacta do novo amor;  
Mas tuão, pois, foi maituto;  
Tratou-me com rancor.

Pensando horas inteiras,  
A estudar teu proceder,  
Se de tal advinhasse  
Não chegava a te escrever

Deante dessa recusa,  
Triste está meu coração;  
Nunca esperes nesta vida  
Receber ingranda!

J. U. S.

## LIVROS NOVOS

LYRICA DE GARCIA  
ROSA *escolhida por Jack-  
son de Figueirêdo*

O sr. Jackson de Figueirêdo recolheu num pequeno volume a *Lyrice* do sr. Garcia Rosa, prestando assim relevante serviço ás nossas letras.

Há, porém, um defeito a notar na publicação do illustre homem de letras, em se tratando de um nome quasi ignorado, pelo menos entre nós, não ha uma referencia sequer a respeito da personalidade do sr. Garcia Rosa.

O prefacio do conhecido escriptor patricio Mario de Alencar também nada diz do poeta, de sua procedencia, de sua origem geographica, de sua vida emfim.

As poesias enfeixadas nesse livrinho são pouco mais de duas duzias, todas vasadas num lyrismo simples e encantador.

Vejam, por exemplo, a espontaneidade dessas duas quadrinhas:

«Pedi-te um beijo, Medrosa  
Afastando-te de mim  
Mais vermelha que uma rosa,  
Mais pura que um cherubin.  
Lançaste-me o oihar dorido,  
Resplandeceste de pejo . . .  
Fiquei mais agradecido  
Que se me desses um beijo.»

Admirem ainda o soneto inicial:

## SONHAR!

«Razão! por mais que tu, mofando, rias  
Da loucura sem par dos meus castellos  
Vale mais do que as tuas zombarias  
A alegria immortal de concebê-las.

Em pensamentos vãos, em vãs portias  
De amor, sempre conforme aos meus anhelos,  
Vão-se-me os dissabores, vão-se os dias,  
Desabrocham-me n'alma os sonhos bellos . . .

Quem sonha, crês um mundo a seu talante,  
Cêste-me o peito a duvida exhaustiva  
Ou veja toda a colera espumante.

Salva-me o sonho, e o espirito me avisa,  
Como se anima o tropeço viandante  
Ao fulgor da miragem luctiva..

«ALMA EM VERSOS»  
*de Carolina Wanderley*

Outro livro que merece excepção na abundancia de volumes de versos ruins que nos empanturram todos os annos. Sem que seja uma obra de grandes meritos, *Alma em versos* é uma promissora estrêa, digna dos maiores encomios.

Carolina Wanderley é sobretudo uma eleita das musas, e ha nisto uma força hereditaria a que ella obedece, traduzindo as suas tristezas em espontaneas e maviosas rimas, em que bendiz as suas faculdades de poetiza.

«Feliz da alma que canta! . . . » exclama a poetiza riograndense, numa das suas melhores produções.

Com effeito, bemaventurados os que podem nos offerrecer toda alma em versos, em delicada e . . . . .

## ECHOS DE ARTE

## Sarah Bernhardt

Suppondo que o despeito seja um reflexo organico e não má virtude, é justo e justificavel o que, ás vezes, acontece a certas pessoas atacadas do mal.

Um amigo nosso contou-nos que certo profissional das letras, em França, falando sobre a justiça do premio Nobel da litteratury, dado a Romain Rolland, salientou o pouco mereci-

mento do premiado, comparando-se-lhe o de outros expoentes do mundo litterario francez.

Tratando-as, Romain Rolland é impiedoso. Sua critica, pela sinceridade e desassombro, é fulminante; seu pessimismo é paradoxalmente idealista e construtor; seu livro todo é uma revolta.

Vejam os desses esboços. A figura desenhada é universalmente conhecida e respeitada.

A uma pequena cidade da Allemanha che-



MARY FULLER

meo do premiado, comparando-se-lhe o de outros expoentes do mundo litterario francez.

Não ha justiça, nem sinceridade em tal juizo.

Na critica aos distribuidores do premio Nobel está o despeito de um homem, que, talvez, seja um desses esboços reaes, que constituem o meio social onde se desenvolvem as creações gigantescas do «Jean Christophe», a obra prima de R. Rolland.

Dentre ellas mujas são nossas conhecidas,

ga uma *troupe* de comediantes francezes.

Um rebanho de pobres diabos, illustres-desconhecidos, que gyram em torno da figura principal da companhia, «une comédienne illustre et agée» (!)

Foi um acontecimento. Os jornalistas que conheciam Paris, os salientes litteratos da cidade, os jovens judeus, ricos e viajados, atrairam-se, furiosamente, á «grande cobotine», elogiando-lhe a plasticidade, a dicção, os movimentos etc.

As assignaturas para tais espectáculos foram logo cobertas.

A imprensa vinha carregada de conhecimentos sobre a França, os francezes, a arte franceza, a litteratura franceza etc, etc.

O repertorio da companhia era composto, na maior parte, de *œuvres naïves, qui sont par excellence l'article parisien pour l'exportation*:



LILLIAN GISH

*carrien n'est plus international que la mediocrité.*

O primeiro espectáculo (sem commentarios) foi com a Tosca.

*Hamlet* foi a segunda peça representada.

E' sobre esta interpretação que Romain Rolland derrama toda sua revolta.

Leiamos:

*Il (Jean Christophe) ne s'était pas demandé si l'illustre comédienne serait Ophélie ou la Reine, s'il se l'était demandé, il eût opté pour la Reine, vu l'âge des deux matrones.*

*Mais ce que n'aurait jamais pu lui venir à l'idée c'est qu'elle jouât Hamlet. Quand il le vit, quand il entendit ce timbre de poupée romantique, il fut un bon moment avant d'y croire; il se demanda s'il revait...*

*—Mais qui? Mais qui est-ce?*

*Ce n'est pourtant pas...*

Não. Não era engano.

Certificado que era um *travesti*, Jean Christophe teve odio.

Não presta attenção á elegancia masculina da actriz franceza, porque elle collava *les tours de force et tout ce qui violente et fausse la nature. Il savait qu'une femme fût une femme, et un homme un homme. La chose n'est pas commune, au théâtre. Le travesti est infiniment et un peu redoutable de la Loi des Femmes ne lui paraît pas agréable.*

*Mais celui d'Hamlet passait tout ce qu'on pouvait voir, en fait d'élégance. Faire de ce robuste Danes, gros et blond, colérique, rusé, résolu, belliqueux, une femme pas même une femme, ce n'est pas jouer l'homme ne sera jamais qu'une mauvaise-faite d'Hamlet une comédie, de son genre endrogé...*

Não é difficil perceber-se que a *comédienne* amante d'opio é a sr. Sarah Bernhardt.

Hamlet não é o unico papel citemado pelas grandes actrices de preferencia franceza.

A *republica* é humada, revolta mesma.

Em 1867, viu-se *l'Agnes de Stenard*, traducção de dr. Paul Corneil, interpretada pela actriz brasileira Nina Sassi, do Theatro Republicano de Paris. Essa actriz franco-brasileira, militava em um tempo desastrosos. A sr. Sassi quasi foi esolida.

Hoje attribuo o desastre ao *travesti* ironico do filão de Napoleão.

No cinema temos um facto parecido e de identico effeito: é o duplo papel.

Não ha espectador que se accomode ao ver na mesma mal feita scena, o mesmissimo individuo, *bancair irmão*, ou inimigo de si mesmo.

A sensação de mal estar é igual a do theatro.

O film perde todo o valor: não illude, não dá impressão real da vida.

E sentimos o mesmo odio que sentiu R. Rolland ao ouvir Sarah Bernhardt, mulher de cincoenta e tantos annos, *travetada de Hamlet*, recitar: *Être ou n'être pas, voilà la question!*...

A. N.

## S. D. Arthur de Azevedo

No proximo dia 3, realta-se, no Theatro S. Rosa, a estrôa do grupo de amadores, que compõem a S. D. Arthur de Azevedo.

A peça de estrôa é o drama de Coelho Netto, "O Dinheiro", que será interpretado pelos amadores Aline Melo, João Lima, Mario Mendes, B. Falcão e outros.

Os bilhetes serão passados juntamente com os titulos de socio contribuinte da nova sociedade.

## NOTAS SOCIAES

**NASCIMENTOS.**— LUCIANA no dia 25 do mez proximo finda a noçurnidade do menino Reynaldo, filho de sr. e sr. Reynaldo de Oliveira, commovente festa grã, e de sua virtuosa consorte d. Gineza Siqueira de Oliveira.

### ANNIVERSARIOS:

**D. ALMUNDO DE MIRANDA MENEGUETE.**— Passou hontem a epochalmente natalicia do sr. e sr. arcebispo metropolitano, d. Alunado de Miranda Henriques.

O illustre antista, que se encontra presentemente fazendo uma estada d'agua em Brejo das Freiras, deste Estado, por motivo daquela auspiciosa data, recebeu, por meio do Sr. e da sociedade parahybana os mais caridosos felleitações, a que faz o mesmo ja.

Era Nova salda a sr., assegurando-lhe as maiores felleições.

**DIA 2:** Te. Costa Vilas, official reformado do exercito e ex-comandante de Policia.

**DIA 3:** Dr. Frederico Cavalcanti Cavaco Monteiro, major de artilheria do exercito e deputado á Assemblia Legislativa do Estado.

**DIA 7.** Mm. Carmezina Modestina C. de Albuquerque, virtuosa consorte do sr. Francis-

co Agrippino G. de Albuquerque, adeantado commerciante em Alagôa Grande.

**DIA 8:** A interessante Maura, filhinha do sr. Sebastião Vianna, fiscal do consumo em Areia e festejado poeta patricio.

**DIA 22.** Mlle. Zulmira Botelho, filha do sr. capm. Henrique A. Botelho, pharmaceutico reformado do exercito.

Estão noivos, em Guarabira, a gentil *mlle.* Sanchinha da Costa Maia e o sr. Hermes Maia de Carvalho, pertencentes á melhor sociedade guarabirense.

**DIA 13.** Mlle. Francisquinha Moura, irmã do sr. Alfredo Moura, chefe politico de Alagôa.

O pequeno Wilson, filho do sr. Francisco Gonçalves de Almeida, negociante em Guarabira.

**DIA 7:** O sr. Clodoaldo Mais, adeantado commerciante em Guarabira.

Passou a 20 do mez transacto a data anniversaria do joven Fernando Nobrega, alumno do Lyceu Parahybano e filho do dr. Gouveia Nobrega, juiz substituto federal.

Definiu no dia 28 do corrente o anniversario da graciosa memoria V. M. dilecta filha da do nosso distincto amigo cel. Claudino Moura, director tecnico da Imprensa Official, e, na mesma data, o de sua exma. esposa dona Stella Marinho Moura.

#### VIAJANTES

**DEPUTADO OCTACILIO DE ALBUQUERQUE**—Para a metropole dirigiu-se, a bordo do «Bahia», após ligada permanencia nesta capital, o dr. Octacilio de Albuquerque, leader da bancada parahybana na Camara Federal dos Deputados.

Aqui trouxeram a este negocios particulares, e ter de levar para o Rio o seu digno genitor cel. J. Aureliano C. de Albuquerque, o fim de submettel-o a uma intervenção cirurgica.

O illustre congressista, durante a sua breve estadia em o nosso porto, recebeu as mais cordiaes provas da estima e sympathia que desfruta, tanto os politicos como na melhor sociedade conterranea, tendo sido o seu embarque concorridissimo.

Cumprimentando aos dignos imigrantes, auguramo-lhes votos de bonniferos viagens.

Vyrou ha alguns dias para Cajazeiras, por via maritima, o nosso prezado collaborador professor Juvenal Coêlho, moçoito lente do Lyceu Parahybano e Collegio Pio X.

S. s. foi aquelle longanquo municipio do Estado com o fim exclusivo de assistir os ultimos momentos do seu venerando genitor, cel. Ruyuando Coêlho, fallecido no dia 20 do mez hontem findo.

**DR. LAURO MONTENEGRO**—Retornou hontem, pelo comboio da manhã, de sua viagem de inspecção aos serviços de Defesa do Algodão no interior do Estado, o dr. Lauro Montenegro, ajudante fiscal da referida repartição.

O illustre funcionario do Serviço de Defesa do Algodão colheu as melhores impressões daquelles trabalhos de defesa a nossa preciosa malvaca, devendo apresentar, neste sentido, um memoriaal ao sr. director dr. João Mauricio de Medeiros.

Ao dr. Lauro Montenegro, um dos nossos mais distinctos collaboradores, apresentamos effusivos cumprimentos de boas vindas.

Após nove estadia nesta capital, volveu a semana passada para Bananeiras o sr. coronel Leopoldo Bezerra, prestigioso prefeito daquela cidade, onde lhe cercam as sympathias de seus conterraneos, totes admiradores de suas raras qualidades de espirito e inflexibilidade de caracter.

**VARIAS**—Acabam de ser nomeados para fiscaes do jogo do Districto Federal, por acto do sr. presidente da Republica, os dres. Eduardo Pinto Pessoa, ex-director da Instrucção Publica, e Alexandre dos Anjos, lente de pedagogia da Escola Normal.

Por haver sido luctuosa, nas funções de director geral desta revista, conforme designação da Associação Cognitiva, o sr. Altilde de Lima embrenhou-se a escrever uma carta circular, na qual elucida gentilmente os seus serviços.

Agradecemos a V. M. a participação com que se dignou de nos communicar.

Recebemos um numero do interessante periodico O Amargoso, organ do corpo docente do educandario de Caliana, Estado de Pernambuco.

Ao director da publicação, de nos trazer, agora decimos a retribuir ao numero em questão, desejando-lhe muitas prosperidades.

A Nota, que se publica na capital pernambucana, sob a direcção de pessoas reconhecidas nas redes jornalisticas da metropole vizinha, acaba de nos chegar, e não, com a pontualidade que lhe caracterisa.

Uma excellente magazine, redigida por um genio e o primeiro na nossa cidade, traz em seu numero, como nos lembramos anteriores, numerosos estudos de jornalistas, poetas e escriptores notorias, e um de espumoso selvagem de «chicagem» e bell. de as reportagens sociais.

Somos grates a sempre aos amigos numero 2 da Nota.

#### Em Bananeiras

Cumprimos aos sr. dr. 28 do mez passado, sendo por este motivo, a uma leucisada, a moça moça, Geay Coimbra, estremeida filha

do dr. Barthez Costinhes, agricultor e ligada de destaque da politica municipal.

A jovem bananeirante, Era Nova cumprimenta e augura feliz longevidade.

## OS MORTOS

**CARLOS RAYMUNDO COELHO**—No dia 23 do corrente, falleceu em Cajazeiras, onde reside ha muitos annos, o sr. capm. Raymundo Coêlho, chefe de honrada e de uma das mais importantes familias conterraneas.

Vicimou-o antigos padecimentos, sendo para os mesmos empregados todos os recursos medicos, que foram fructuosos.

O sr. Raymundo Coêlho contava a idade de de 80 annos, deixando muitos filhos, entre os quaes d. Moyses Coêlho, bispo de Cajazeiras; professor Juvenal Coêlho, lente do Lyceu e Collegio Diocesano e nobre prezado collaborador; moçoito hon. Sabino Coêlho, lente do Lyceu Parahybano; dr. Accacio Coêlho, juiz municipal de S. João do Rio do Peixe; e professor Siquando Coêlho, secretario do Collegio Padre Rolim.

O desapparecimento do venerando ancão conterraneo e sociedade conterranea, onde o morto trahia muitas sympathias.

Era Nova, registando-lhe triste acontecimento, condolencia a enlutada familia do extincto.

Occorreu no dia 19 de agosto findo o fallecimento da veneranda, sabora d. Idalina Bezerra Cavalcanti, filha dos dres. Alcides Bezerra Cavalcanti e Josefa Nobrega.

A respeitavel familia, que conta com muitas relações em o nosso meio, succumbiu a strokes padecimentos.

A enlutada familia de morte, aprofundamos os nossos sentimentos pesames.

## PELO MUNDO DOS DESPORTOS

Domingo, 14 do mez transacto, teve lugar o segundo encontro entre os quadros do «Palmeiras» e «Pibaguates», reputados os melhores na presente temporada pedregosa.

Com uma victoria decisiva aquella evidencia promettera ser a mais arrabente do campeonato deste anno, dadas a pejança dos contentores, que iniciaram a partida, entre transe emulaciones.

O alvo-negro, após 15 minutos de jogo, abriu o score a favor do seu quadro.

Estabelece-se, infelizmente, um desequilibrio entre os apologetas dos desportivos, dando como resultado a suspensão da pugna pelo juiz, ficando considerado o ponto conseguido pelo Palmeiras, que será levado em conta em proximo match.

Domingo 21, naturalise o «Royal» e «S. Paulo», com regular assistencia, sob a actuação do juiz Arthur de Souza.

O jogo esteve equivalente no primeiro tempo sendo digno de menção o jogo desenvolvido por Walter Holmes e Stenio no «Royal» e José Augusto no «S. Paulo».

No segundo tempo, o alvo-negro conseguiu uma certa superioridade sobre o seu adversario, que nada fez, apesar do esforço unanime de Carlos Gomes em conquistar um ponto para a sua equip.

Walter Holmes, ao nosso ver, um dos melhores royaleses, conseguiu abrir o score da tarde, visando a réde de Leão.

Conseguiu assim o quadro royalesense bater por um a zero o seu mais arraigado adversario.

VAGO

"A ELITE"

LINS & MONTEIRO

CASA DE MODAS

Rua Maciel Pinheiro — 211

PARAHYBA

CASA VESUVIO

RUA MACIEL PINHEIRO N.º 163

Caprichoso sortimento de tecidos, modas e armarinho.

VICENTE RAITACASO & COMP.

Perfumarias finas, objectos para presentes e artigos para homens.

# PYRAGIBE LEMOS & C.<sup>A</sup>

COMMISSÕES, CONSIGNAÇÕES, REPRESENTAÇÕES E CONTA PROPRIA — AGENTES DE:

G. Amsinck & Comp., Inc.	— — —	New-York
Klingelhoefer & Comp.,	— — —	Paris
Kittel & Comp.	— — —	Londres
M. Sidaula & Comp., Ltda.	— — —	Lubla
Charles Duval & Comp.	— — —	Londres
Nestlé & Anglo-Swiss Condensed Milk C. <sup>a</sup>	— — —	Londres, New-York
Leite Condensado "Moça e Ararente"	— — —	Cham, Araras e Rio de Janeiro
Colgate & Comp.	— — —	New York
Mombel-Bossart & Fils	— — —	Bruxellas
Association Commercial e Italo-Beige	— — —	Genova Anvers e Cologne
J. D. Riedel	— — —	Berlin
Heine & Comp. A. G.	— — —	Leipzig
Manoel Pedro & Comp.	— — —	Paris
Martins, Jorge & Comp.	— — —	Paris

CODIGON:  
 A B O S, e 6.ª EDIÇÕES, HIEBER  
 BENTLEY,  
 BORGES, RIBEIRO e PARTICULARES

S. Silva & Comp. Fabrica de Tecidos	Codó	Maranhão
Abelardo Ribeiro	— — —	Maranhão
Fabrica de veludo e soda	— — —	— — —
— — —	— — —	— — —
Sequeira & Comp.	— — —	R. de Janeiro
Davidsen, Pulice & Comp.	— — —	R. de Janeiro
Selligroff & Meyer	— — —	R. de Janeiro
Fundição Indígena	— — —	R. de Janeiro
Vicente Lemos & Netini	— — —	R. de Janeiro
Correa & Castro	— — —	R. de Janeiro
Companhia Brasileira de Viagem e Comercio	— — —	R. de Janeiro
Casa Hansa - Henrique Bruggemann	— — —	R. de Janeiro
Assortis, Góez & Comp.	— — —	Pernambuco
Companhia Antarctica Paulista	— — —	S. Paulo
Haepple, Imão & Comp.	— — —	Florianopolis
Nunes & Imão	— — —	Pelotas
Viana J. Guerra & Comp.	— — —	Rio Grande

UNICOS RECEBEDORES NESTE ESTADO DO AFAMADO DENTIFRICO "ODOL"

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "GILBERTO"

CAIXA POSTAL — 8

### A ATTRACTIVA

Camisas para homens,  
chapéus para senhoras e  
creanças.

**GIOVANNI PONZI**

RUA MACIEL PINHEIRO

PARAHYBA DO NORTE

### CAFÉ CONTINENTAL

Serve, com promptidão e agrado, a todos os frequen-  
tezes.

Aberto das 6 da manhã á 1 da  
madrugada.

RUA MACIEL PINHEIRO

PROPRIETARIO — Antonio Belmont Toscano de Britto

End. Telegraph. — SOUCAM .  
TELEPHONE N.º

COD.GOS USADOS:

Ribeiro, A B C. 5.ª edição

# Souza Campos & C. Ltda

Ferragens, Cutelarias, Locomoveis, Moinhos, Material para construção de Estrada de Ferro e Aque-  
des, Instalações sanitarias e electricas, Oleos, Tintas, Vernizes, Correlas, Lonas  
e Cabos, e Objectos para presentes.

Parahyba do Norte |\*+\*| Rua Maciel Pinheiro, 107.

### CIRAULO & C.ª

SÉCCOS E MOLHADOS  
CONSERVAS NA-  
CIONAES E  
ESTRANGEIRAS,  
VINHOS DOS  
MELHORES FA-  
BRICANTES.

Rua Maciel Pinheiro

### CASA FRANCEZA

Tecidos de todas as qualidades e gosto — Crepe georgett, seda, palha e lavavel  
(estampados). Confeccões em geral de ultima creação. Chapéus para  
senhoras, modelos parisienses. — Perfumarias e artigos diversos para homens.

Todo o mundo já sabe que a "CASA FRANCEZA" vende barato!...

RUA BARÃO DO TRIUMPHO, N. 393

MARCOS S. DANA & IRMÃO

A "CASA FRANCEZA" acaba de receber um lindo sortimento!

Fabricação de OBRAS DE TARTARUGA  
Pentes, grampos, oculos, pulseiras, cha-  
telaines, facas para cortar papel, aneis, etc.

ATELIER DE  
**J. OLYNTHO PEDROSA**  
CAIXA POSTAL, 107.

DOURAGEM E PRATEAÇÃO de metaes.  
Serviço perfeito, por meio de electricidade.  
Rua 13 de Maio, 662. — PARAHYBA

E' NA  
**ALFAIATARIA GRIZA**

á rua MACIEL PINHEIRO, 184. (sobrado)



Completo sortimento de artigos para homens

que a elle parahybana deve vestir-se - Os melhores  
TECIDOS INGLEZES fabricados

Executam-se todos os trabalhos COM PERFEIÇÃO e os seus freguezes tornam-se seus amigos.

Tem completo sortimento de Camisas, Cozas, Pyjamas, Collarinhos, Gravatas, Meias e Perfumarias.

**Domingos Griza & C.**

Par-hyba do Norte

**CASA KODAK**

Artigos para Photographia, Machinas, Cartões, Chapas, Drogas e Papeis.

A photographia está a mão de todos, até creanças pôdem hoje, com as machinas novas, tirar retratos, e manipular chapas e films.

MACHINAS PARA FILMS DESDE 20\$000

A cousa mais agradável para os parentes possuir retratos de seus filhos desde primeira infancia.

A casa está pessoal habilitado para revelar e tirar provas de todos os Films e Chapas por preços modicos.

CAIXA POSTAL - 19  
RUA MACIEL PINHEIRO N. 29  
PARAHYBA DO NORTE

**GUERRA & GUSMÃO**

Fabrica S. FRANCISCO

COUROS, CARNEIRAS, PELLICAS E SOLAS.

Ladeira de S. Francisco 53

PARAHYBA



**COLOMBO**

Fabrica de camisas, ceroulas, collarinhos e pyjames — Artigos para homens.

**MARINHO & MOURA**

DEPOSITO — CASA COLOMBO

FABRICA

RUA: MACIEL PINHEIRO, 205.

BARÃO DO TRIUMPHO, 450.

End. telegraph. "COLOMBO" — Parahyba

**G. PETRUCCI & C.<sup>a</sup>**

Artigos electricos  
Automoveis e  
seus pertences

Rua Maciel Pinheiro n. 198

CAIXA POSTAL 71

PARAHYBA

**A CAPITAL**

S. BORGES

Rua Maciel Pinheiro-169

CAPRICHOSO SORTIMENTO

DE

Artigos para homens e perfumarias

**PARQUE HOTEL**

**DE LUIZ PERGENTINO & NEVES**

Rua Barão da Passagem n. 63.

Completo sortimento de bebidas nacionaes e estrangeiras

Prefeições a qualquer hora do dia ou da noite

Accomodações á vontade do mais exigente freguez

Vendas a dinheiro || Telephone n. 143 — Parahyba

**MOVEIS**

"CASA NAVARRO"

PARAHYBA DO NORTE

Rua MACIEL PINHEIRO, 128.

**GRANDE EMPORIO**

de chapéus, de todas as qualidades,  
para homens e creanças.

**CASA PENNA**

O melhor sortimento em gravatas,  
collarinhos, meias, camisas  
e perfumes.

Depositarios dos melhores  
fabricantes de calçados

Rua Maciel Pinheiro 88 — Parahyba

**GONSALVES PENNA & C.<sup>a</sup>**

Livraria, Typographia, Encadernação e Pautaça, a vapor.

ARTIGOS PARA PRESENTE  
E DESENHO

Objectos para escriptorio

RUA MACIEL PINHEIRO — 193

PARAHYBA DO NORTE

**OCULOS e PENCINEZ**

em qualquer grau, vendem-se na ORL-  
VESARIA PINHEIRO.

292 — Rua da Republica — 292

PARAHYBA DO NORTE

VISITEM SEMPRE A

**"Casa Franchezza"**

DE

**MARCOS S. DANA & IRMÃO**

RUA BARÃO DO TRIUMPHO, N.º 393.

## Nossos correspondentes no interior

*Cabedello*—Odilo Polari  
*S. Rita*—José Daniel P. de Lucena  
*Espirito Santo*—Cº. José J. P. da Costa  
*Sapé*—João Rique Ferreira  
*Mamanguape*—Augusto Luna  
*Ingá*—Eurico Uchôa  
*Pilar*—João José Marója  
*Pedras de Fôgo*—Virgílio Cordeiro  
*Itabayana*—Antonio Coutinho  
*Guarabira*—Dr. Antonio Botto  
*Pirpirituba*—Ildefonso Lucena  
*Alagoinha*—Francisco G. de Almeida  
*Borborema*—Felix Brasileiro  
*Bananeiras*—José Fabio  
*Moreno*—Leoncio Costa  
*Araru*—Anesio Deodono  
*Caçara*—Cº. Aprigio Espinola  
*Belem de Caçara*—Pedro Gaudiano  
*Serraria*—Antonio Rodolpho  
*Pilões de Dentro*—Luiz de Albuquerque  
*Alagôa Grande*—Dr. Agricola Montenegro  
*Areia*—Guttemberg Barreto  
*Alagôa Nova*—Clodomiro Leal  
*Esperança*—Professor Joaquim Costa  
*Araruna*—Antonio Carneiro  
*Barra de S. Rosa*—Manuel de S. Lima  
*Picuihy*—Manuel Gomes da Silveira

*Umbuzeiro*—Dr. Carlos Pessoa  
*Campina Grande*—Lafayette Cavalcante  
*Cahazurus*—Manuel Maracajá  
*Soledade*—Trajano Nobrega  
*Taperoá*—Dr. Genezio Lustosa Cabral  
*S. João do Cariry*—Dr. José Gaudencio  
*Caraubas*—Eduardo Ferreira Filho  
*Sant'Anna do Congo*—Amaro T. de Oliveira  
*Serra Branca*—Antonio Pedro de F. Castro  
*S. José dos Cordeiros*—Anthero T. Junior  
*Teixeira*—Professor Antão Ribeiro  
*S. Luzia do Sabugy*—Manuel Emiliano  
*Pombal*—João Queiroga  
*Palos*—Miguel Satyro  
*Piancó*—José Parente  
*Conceição*—José de Figueiredo Leite  
*S. José de Piranhas*—Dr. José Saldanha  
*Bonito de Santa Fé*—José de A. Cavalcante  
*Misericórdia*—José Brunet  
*Souza*—Francisco Benevides  
*Cajaseiras*—José dos Anjos  
*Alagôa do Monteiro*—Nilo Feitosa  
*Camalaú*—Pedro Bezerra  
*Princesa*—José Pereira Lima  
*S. João do Rio do Peixe*—P.º Cyrillo de Sá  
*Católé do Rocha*—Octavio de Sá Leitão  
*Brejo do Cruz*—Dr. João Agrippino Maia

USAE OS ACREDITADOS SABONETES

MEDICINAES E PERFUMADOS DA

SABOARIA

PARAHYBANA

RUA VISCONDE DE INHAUMA N. 122

SEIXAS IRMÃOS & COMPANHIA

## FABRICA DE CURTUMES "SÃO FRANCISCO"

DE GUERRA & GUSMÃO

Grande fabrica, a vapor, de vaquetas, courinhos, carneiras, pellica, sola e raspa laminadas, raspas preparadas e beneficiamento de couros em geral.

Fabricam, pelo processo chimico do CHROMO, vaquetas pretas e de cores, pellicas, etc.

Fabricantes das vaquetas verniz-chromo marca "RESISTENTE", Bufalo branco, carneiras brancas, etc.

PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NAS EXPOSIÇÕES INTERNACIONAES DE MILÃO E MUNICIPAL DESTA CIDADE.

CODIGOS:

RIBEIRO, BOR.  
GES. A. B. C. 5.ª EDIÇÃO  
E PARTICULARES.

ENDEREÇOS:

TELEGRAPHICO—GUSMÃO  
CAIXA POSTAL N. 40

FABRICA E ESCRIPTORIO:

LADEIRA DE SÃO FRANCISCO N. 53  
PARAHYBA DO NORTE